



REVISTA LABIRINTO



VOL. 2

2026



Apresentação

O Sol está condenado a caminhar sempre.

Essa é a primeira frase que o dramaturgo de Chihuahua Victor Hugo Rascón Banda escreve para a personagem central de *A Mulher Que Caiu do Céu*, quando colocam sobre ela uma camisa de força. Vinda da região montanhosa das *Barrancas del Cobre*, na parte alta da *Sierra Madre Occidental* no México, ela é uma rarámuri, encontrada inexplicavelmente e – logo – presa em território estadunidense.

Os rarámuris são um povo nativo mexicano, também de Chihuahua – na porção norte do país –, conhecidos por percorrerem longas distâncias a pé. São *os de pés ligeiros*. Seja caminhando ou correndo, impressionam pela capacidade de se deslocarem por dezenas e até centenas de quilômetros em terrenos sinuosos e altamente acidentados.

A frase criada pelo autor para esse momento tão agudo de sua personagem é reveladora. Ela traz de imediato um paralelo íntimo desta cultura com a natureza. Ela, rarámuri, e o Sol estão fadados à condição peregrina, errante. Ao deslocamento. Ambos têm e terão a caminhada como um elemento fundamental de vida. Ela humana; ele natureza-divindade; nos dois, a mesma ação.

A personagem acima, soubemos nesta jornada, é inspirada em uma mulher real.

A Rita Patiño.

Que logo, logo vocês conhecerão um pouco mais.

O Coletivo Labirinto é um núcleo de pesquisa e criação cênica que, após treze anos estudando, investiga as relações das pessoas com o seu panorama social através da dramaturgia latino-americana contemporânea. Em seu processo de criação anterior, que culminou na montagem de *“Mirar: Quando Os Olhos Se Levantam”*, adotou como referência as *Crônicas de Nuestra América*, de Augusto Boal, para promover um passeio do nos-

so olhar pelos elementos sociais, culturais e políticos dos países vizinhos ao Brasil. E para nos enxergarmos como brasileiros latino-americanos. Foi aí que surgiu para nós a imagem de atores-viajantes que se deslocam por essa imensidão chamada América Latina em busca de pertencimento, sem, entretanto, desconsiderar os estranhamentos do trajeto.

Num dos ensaios de reta final dessa montagem, uma das integrantes do Coletivo trouxe para a conversa a referência de um povo que corria longas distâncias e que alguns deles estavam disputando (e vencendo) maratonas fora de seu território e até mesmo de seu país. Eram justamente os rarámuris. Ou os tarahumaras – como foram nomeados pelos europeus no norte do México após a invasão do século XVI.

O imaginário sobre os rarámuris ficou de fora do recorte apresentado naquela montagem, que já estava prestes a estrear. Mas deixaram este Labirinto inquieto pelo que disparava em nós: o olhar para uma cultura tradicional latina, os pontos de consonância e fricção que ela oferecia e os atravessamentos pelos quais passava ao longo do tempo e que a deixava flagrantemente distante de um universo idealizado ou exotizante.

Os de pés ligeiros...

Talvez no entendimento alargado dessa ideia – de um povo que corre, corre, corre... – more certa capacidade de reação ao processo colonizatório. Quiçá seja isso também um dos nutrientes dessa coletividade... Talvez exista aí um senso de identidade comum... Talvez. Quem de fato sabe?

Sejam do plano da realidade ou ainda do da miragem, o ponto é que essas histórias desencadearam no Coletivo Labirinto o desejo de colisão e elaboração desse imaginário com o nosso – um coletivo de artistas que vive em São Paulo, em 2026, com toda as loucuras, os corres e as vertigens que isso possa apresentar.

Neste sentido, realizamos junto à Secretaria Municipal de Cultura e Economia

Criativa de São Paulo o projeto “Pés-Coração: A América Latina Como Caminho”, selecionado pela 43ª edição do Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo. Dentro dele vieram os Grupos de Estudos Cênicos, a 2ª Edição do Ciclo de Leituras Encenadas, o Retiro Artístico com o criador cênico chileno Elias Cohen, as Mesas de Reflexão no CCSP e – finalmente – o processo de montagem deste espetáculo.

Pés-Coração é o primeiro espetáculo de dramaturgia autoral do Coletivo Labirinto. Após uma década estudando outras autoras e autores latinos – e depois da experiência de *Mirar...* com dramaturgia do nosso querido Jé Oliveira – essa foi a vez do grupo pesquisar uma palavra própria; um contato mais íntimo com os sentidos e com o discurso. Foram meses de proposições, inquietações e rearticulações em sala de ensaio ao lado do Lubi, nosso diretor, para que conseguíssemos dar forma a esta obra, cuja dramaturgia final é assinada por Abel Xavier.

Nesta Revista vocês acompanham as etapas desta jornada em direção à construção dessa nova/nossa dramaturgia... Os diálogos com outros artistas, as experimentações com as criadoras e os criadores dos grupos de estudos, os esboços... Aquilo que deixamos de fora da cena e aquilo que veio ao palco. Uma travessia pelo desejo de conectar os nossos pés ao batimento que pulsa aqui, aí, em nós.

Falta muito?

Falta menos.

Boa leitura!

Sumário

**As Guerras e os Regimes
Políticos Totalitários na
Proposição de um
Teatro Dialético**
Wallyson Mota
p. 7

Dramaturgia
GuerrAMÉRICA
Autoficção coletiva
p. 21

**Grupo de Estudos Cênicos:
Natureza e Utopia na
Instauração do (Im)possível**
Emilene Gutierrez
p. 27

Dramaturgia
HUELLAS /
PEGADAS
p. 37

**Daquilo que não
transcendeu no México**
Emilene Gutierrez
p. 45

Estudo dramaturgico
Dramaturgias
que correm
p. 51

**O que margeou
nossos pés e corações**
o grupo
p. 57

**Sobre a dramaturgia de
Pés-Coração**
Abel Xavier
p. 63

Dramaturgia
PÉS-CORAÇÃO
p. 83

Ficha técnica
p. 106

**Tratando sobre o
Grupo de Estudos
Cênicos e suas
experimentações para
a criação dramatúrgica**



As Guerras e os Regimes Políticos Totalitários na Proposição de um Teatro Dialético

Wallyson Mota

fotos
Tomás Franco

Neste projeto (*Pés-Coração: A América Latina Como Caminho*), o Coletivo Labirinto assentou sua pesquisa com as dramaturgias latino-americanas contemporâneas e suas relações com os contextos sociais que atravessa na observação e nos estudos acerca dos Rarámuris, povo originário da região de Chihuahua, norte do México, conhecido por percorrer longas distâncias a pé. Também conhecido como tarahumara, esse povo se desloca habitualmente por dezenas e centenas de quilômetros correndo pela região montanhosa das Barrancas del Cobre, e despertou a curiosidade de estudiosos das diferentes áreas - do livro do Artaud às observações de Daniel Lieberman.

A nós interessou realizar uma aproximação dos modos de vida praticados em São Paulo com as imagens, sentidos e ideias que a corrida incessante (praticada por eles) traz. Poderia ser a corrida alguma síntese de uma condição latino-americana? Que cruzamentos o ato de correr pro-

voca entre as instâncias políticas, físicas e metafísicas?

Assim, nos lançamos uma pergunta: o que faz um povo correr, se deslocar coletivamente? Algumas respostas vieram - a guerra, os regimes políticos totalitários, as condições climáticas, os sonhos (as utopias). E abrimos 02 Grupos de Estudos Cênicos de caráter prático-teórico com o intuito de investigarmos, durante a criação, as questões que as latino-americanidades apresentam quando vistas sob a perspectiva desses *corres* coletivos.

Nesse percurso, foi de fundamental importância o encontro com o Projeto de Extensão Universitária "Teatro de Grupo - aprendizados, diálogos e interlocuções" da Unesp. A parceria realizada entre nós garantiu a instauração de um espaço de reflexão, elaboração e investigação dos pontos de pesquisa, com

estrutura física e material adequada e com encontro (e posterior troca) entre os públicos atingidos tradicionalmente pelo Coletivo Labirinto e pela Universidade, abrindo espaço para troca de experiências entre as suas comunidades e a cidade.

Cada Grupo de Estudos Cênicos realizou 08 encontros entre os meses de junho e agosto de 2025. O que apresento a seguir são registros deste período referentes ao grupo que orientei, numa tentativa não tão conexa de estruturar (e, em certa dose, capturar) o percurso vivido, a fim de que possa ser um material de interlocução para experiências futuras.



ENCONTRO 1. 17/06/2025

Objetivo inicial do encontro

Conhecer e escutar

Fui para este primeiro encontro com o intuito central de conhecer as pessoas que formariam este grupo: quem elas são? Como se apresentam? Que tipos de trocas são *indiciadas* a partir de seus encontros? Quais são as inquietudes e quais os desejos? O que expressam quando falamos de América Latina?

A turma que se reuniu é grande: tivemos por volta de 30 pessoas ali. E pessoas de diferentes perfis e nichos: atrizes e atores profissionais, recém-formados egressos da academia, profissionais de outras áreas (psicologia, comércio, metalurgia...) que se interessam pelo teatro, pessoas ligadas às artes visuais... Em roda, li um texto que o Abel Xavier escreveu para a 1ª Edição da Revista Labirinto (*O que pulsa a América Latina?*) e pedi para que se apresentassem a partir da questão: Qual o seu território na América Latina? Ouvi:

“Território é qualquer lugar em que haja terra fértil.”

“Territorialidade é também temporalidade.”

“Meu território é o pé de laranja do quintal da minha avó.”

“É a Marquês de Sapucaí.”

“Meu território é o teatro. E o teatro pode ser uma ferramenta para mudar o mundo? Um informe para a classe trabalhadora? Mas quem é a classe trabalhadora hoje?”

“Meu território é uma sopinha de bolacha. São os lugares em que passeio com meus cachorros.”

Aí coloquei o Zé Celso num áudio para conversar conosco:

“É uma ética de ginga... tá? É uma ética que se estabelece entre as pessoas natu-

almente se elas têm o objetivo de criar... De fazer de cada dia uma coisa maravilhosa, uma aventura, entendeu? Que elas não tem o objetivo de segurar... Quem segura não pode criar. Você tem que abrir, se abrir tudo... Abrir suas portas... Por isso que esse teatro da Lina é todo escancarado pro universo e pra cidade. O ator come a cidade... ó... que pra nós já é o mar... Esses sons de carro... Ele come a cidade e come o universo... E dá de volta..."

E fomos pro espaço. Com alguns princípios de viewpoints para nos reconhecermos, percebermos nossos corpos...

Mais adiante propus a formação de trios que criassem (uma cena, um jogo, o que quisessem) a partir da pergunta *o que pulsa a América Latina?* Imagens surgiram... Uma natureza idílica, um lugar em que se espirra, uma grande fronteira, suspiros sexuais envoltos a arranjos familiares, muros, as diferenças entre nós, a diferença como algo que nos é comum.

Para a próxima semana passei para leitura o texto "Cinco Dificuldades no escrever a Verdade", do Bertolt Brecht.

“Território é qualquer lugar em que haja terra fértil.”

ENCONTRO 2. 24/06/2025

Objetivo inicial do encontro

Mirar honestamente o alvo

A discussão geral do grupo acerca do texto do Brecht me surpreendeu e caminhou para uma direção distinta da que imaginava à princípio. Tinha mais em vista discutir as estratégias para a construção de um teatro que se posicionasse frente (e combativo) aos contextos de lógicas fascistas e totalitárias. Estratégias de guerra, digamos. Uma guerra travada no campo cultural, simbólico, poético e de fermentação de imaginários. O que se desdobrou ali, no entanto, foi na direção de reflexões sobre os conceitos do que seria a verdade (uma verdade marxista? uma verdade com base no posicionamento político adotado? etc).

Aparece bastante nas nossas discussões a ideia de que A AMÉRICA LATINA É UMA FICÇÃO.

Ficção construída por quem?

Com quais intuítos?

A quem serve essa denominação?

Aceitar categorizações sobre nós nos limita? Essa limitação nos esvazia apenas ou também pode nos organizar para lutas comuns - posicionamentos e reivindicações comuns?

O que nós ganhamos com uma identidade?

Uma participante citou o espetáculo "Nordeste Ficção" e a sua experiência como moradora do nordeste durante um breve tempo (e o quanto essa estada ali como moradora era distinta de quando ela ia pra lá como turista). O nordeste e o sudeste como outros. Como coisas que não são o eu.

Alguém traz uma rica ideia: todo território é uma narrativa, uma ficção. Mas não quer dizer que essa ficção não seja (também) real. Traz para a conversa as "Comunidades Imaginadas", do Benedict Anderson, a noção de nacionalismo e os seus perigos.

Uma terceira voz provoca: a América Latina é apenas a América Ibérica? Porque nós não temos pontes de contato com o Canadá e o Texas... Mas realmente não temos pontes de contato com o Canadá ou com o Texas? Na nossa cabeça a América Inglesa versus a América Latina versus a América. O que de fato é isso?

Voltando pro Brecht...

Qual é o lugar da arte no marxismo?

Qual é o sentido do político na arte?

Trago ali o pensamento do Santiago Sanguinetti (dramaturgo uruguaio contemporâneo) de que todo teatro é político, mas nem todo teatro é sobre política.

As questões seguem...

A verdade é uma escolha? É possível escolher uma verdade para si, para nós?

"Mundo Global Visto do Lado de Cá", Milton Santos.

A verdade atrelada mais a uma atividade que a uma narrativa.

Nos contextos de horror, o teatro deve ser um panfleto? Ou se aproximar dele?

ONDE ESTÁ O SEU CORRE, AMÉRICA LATINA?

ONDE ESTÁ A NOSSA URGÊNCIA?

QUE ALVOS FORAM MIRADOS?

ENCONTRO 3. 01/07/2025

Objetivo inicial do encontro

Instaurar criações a partir da justaposição de elementos dissonantes

Ok, faltou eu falar que no encontro anterior a pergunta *Onde está o seu corre, América Latina?* foi tema de mais uma rodada de criações e que essas criações (este grupo recorrentemente as produz sob o formato de cena) trouxeram imagens de nós como uma coletividade cega, da brincadeira da cabra-cega, de celulares, metrô, aglomerações... Imaginário urbano forte.

Faltou também eu falar que passei para a turma ler para esta semana o artigo *"Teatro e direito à memória: Yuyachkani (Peru) e Nós Aqui Traveiz (Brasil)"*, da Marta Haas.

Muito que bem. O terceiro encontro foi carregado de exercícios, experimentações práticas e criações. A sensação que tive ao final foi a de muita informação e que esse tanto de informação povoou uma região mais superficial de fruição, sendo necessário decantarmos - abriremos espaço para compreensões mais fundas.

Estiveram presentes 35 pessoas. O que é excelente. E também um certo limite de quantidade de participantes.

Fizemos uma experimentação com um exercício que criei a partir da *Justaposição dos Elementos Dissonantes na Cena* (conceito defendido pelo aqui já citado Santiago Sanguinetti pra estruturação de sua dramaturgia) e que batizei de *Jogo das Estações*. Trata-se de dividir o palco em 04 zonas: na zona 01 coloquei sobre o chão algumas folhas com trechos da dramaturgia do Santiago; na 02 as pessoas deveriam brincar com a ideia de fazer gestos íntimos (que fazem quando ninguém as vê); na 03 respondem verbalmente para nós a questão: o que é política pra mim ou o que eu gostaria que acontecesse no país nos próximos 12 meses?; e na 04 realizariam uma dança pessoal.

Quatro intérpretes por vez, cada um ocupando uma zona. E essas zonas em jogo composicional.

O exercício rendeu imagens que foram relevantes em nosso processo:

- Alguém machadando nomes de políticos conservadores;
- Alguém descrevendo de maneira pouco esperançosa, mas sempre com um tanto de humor, seus projetos de futuro político no país;
- Alguém descrevendo o que deseja pro futuro do país, relacionando esses desejos de nação com a história de sua mãe;
- Alguém fazendo o gesto íntimo da masturbação em comentário satírico ao que ouvia.

As criações acabaram oferecendo um panorama para a questão: que identidade coletiva queremos construir?

Fomos para uma rodada de criação de cenas a partir desta pergunta, então. Chamaram a atenção:

Um solo com a construção de uma minhoca humana comunitária que balançava seu rabão. Uma brincadeira-jogo curiosa e divertida.

Um grupo que articula a construção das palavras: Identidade - Construção - Coletiva.

Um grupo com uma dança das cadeiras. E quem perdia falava qual identidade coletiva queria construir.

Um jogo de palavras que queria chegar a um sonho comum. O denominador foi *Trabalhador feliz*.

Uma cena de um natal em família. Esta foi a 1ª cena de âmbito estritamente dramático no grupo.

Abrir espaço, decantar... Ganhar compreensões.

“Qual é o lugar da arte no marxismo? Qual é o sentido do político na arte?”

ENCONTRO 4. 08/07/2025

Objetivo Inicial do encontro

Reconhecer e assimilar os elementos de criação abordados e as referências teóricas estudadas.

Neste dia refletimos bastante sobre os pontos referenciais de nosso percurso até aqui, sobretudo os artigos “Teatro e Memória”, de Marta Haas, “Entre o sublime e o espúrio”, do Santiago Sanguinetti, e das criações realizadas no último encontro. Algumas falas surgidas nessa nossa grande conversa ali:

- Existem memórias em disputa. Uma de nossas tarefas é re-olhar para uma história, para uma memória.
- Reelaboração: atribuir sentidos ao passado.
- Distinção entre História e Memória. Uma é oficial e outra oficiosa. O recurso de preservação de memória e existência dos marginalizados é o corpo.
- “O Brasil tem um gigantesco passado pela frente”, Millor Fernandes.
- Importante sempre se perguntar: quem é o sujeito da memória?
- Pensar estéticas e poéticas de justiça e reparação.
- Memória como direito humano e fundamental.
- Embate entre generalidades x especificidades
- Olhar para a estrutura das coisas, mirar o canhão pra ela.
- Alguém trouxe paralelos entre a rua, o teatro e a memória. A rua seria um espaço potencial do encontro entre o teatro e a memória.
- “Viver sem conhecer o passado é viver no escuro” - Uma História de Amor e Fúria
- Que responsabilidade temos sobre as coisas com as quais tomamos contato?

Mais adiante lancei uma outra questão provocadora: *de que forma esses materiais referenciais dialogam com o processo de criação de vocês nesses 02 últimos encontros? Quais foram as urgências percebidas e os alvos mirados?*

Então eu ouvi:

- “Não sinto ainda muito os alvos determinados nas nossas cenas. Parece que criamos ainda dentro de um imaginário generalizante”;
- “A coisa do lúdico ganhou força pra mim no questionamento sobre a nossa construção coletiva”;
- **“Essas perguntas me levam a outras perguntas e não sei bem o porquê. O que seria a infância da América Latina? O que seria uma infância de um continente?”**
- “Acredito que a simplicidade pode ser uma estratégia”;
- “A predominância das cenas até aqui foi sobre a presença de um jogo”;
- “O dissonante não é necessariamente o contraditório”;
- “As identidades não estão fixas e rijas. Elas podem voar”;
- **“Alvo é aquilo que se escolhe”;**
- “Tenho feito descobertas a partir do outro (da outra pessoa)”;
- “Sinto os alvos ainda flutuando. Estamos habitando uma zona de sensações gerais. O tempo, a rotina, a cidade (2º encontro); dificuldade de se encontrar uma identidade (3º encontro)”;
- “Quais são as referências que a gente tem sobre coletividade?”
- “Eu criei uma cena solo. Não podia discordar de ninguém nesse processo porque não tinha interlocução”;

- “Às vezes a dissonância se dá por si só. O jogo. A dança tem uma importância”;
- “Sinto um incômodo na cidade, na vida. As pessoas ensimesmadas”;
- “Afinal, o que urge em nós???”

ENCONTRO 5. 15/07/2025

Objetivo inicial do encontro

Criar com mais inteireza, com mais sentido.

Depois do amplo espaço para reflexão e discussão na semana passada, ontem foi proposto um encontro mais prático e atrelado ao âmbito da criação de cenas.

Para iniciar - como de costume - fizemos uma roda em que dissemos como queremos ser chamados e depois disso a roda seguiu com a proposição de que sintetizássemos em uma palavra o que vinha à cabeça quando lembramos (ou imaginamos, para quem não estava) as coisas discutidas na semana anterior.

Surgiram as seguintes palavras: escarafunchar - escorrer - política - decantar - conflito - dissonância - assentar - reparar - entre outras que infelizmente não me recordo agora.

Depois fizemos um breve aquecimento com alguns princípios de viewpoints e dinâmicas de improvisação com os corpos. Coloquei na playlist uma música do Gonzaguinha (interpretada pela Elza) e outra dos Paralamas (O Calibre), e acho que elas resultaram bem para o imaginário que queria provocar (sensível às desigualdades sociais, à violência e aos conflitos urbanos de nossos tempos).

Em seguida, dividi a turma em trios para que criassem uma cena em resposta à questão O QUE URGE EM NÓS, tendo como apoio os textos que foram escritos por eles mesmos no fim do encontro da semana anterior.

Interessante perceber que afunilei o tamanho dos grupos (apenas trios e não mais que isso) e aumentei um pouco o tempo para criação. Acredito que isso ajudou a turma a aprofundar as trocas e proposições. Vou comentar um pouco das cenas aqui e as palavras que as pessoas da turma ofertaram para as cenas depois de assisti-las (numa espécie de provocação / impulso):

TRIO 01 (CORPOS EM CAMPO DE VISÃO) se apoiou no jogo corporal e imagético muito próximo ao Campo de Visão, exercício improvisacional coral desenvolvido por Marcelo Lazzaratto na Cia Elevador de Teatro Panorâmico. Coralidades interessantes, com temperaturas e sensações contrastantes. Vale voltar para essa criação.

Palavras ofertadas: muitas - coro - água - silêncio - estímulos - conexão - escuta - terra - cooperação - esfregar

TRIO 02 (ALGUÉM TEM QUE CUIDAR DA MAMÃE) proposta de conversa entre irmãs para equilibrarem as tarefas referentes ao cuidar de uma mãe idosa. Alguém faz a irmã que cuida e está sobrecarregada; Alguém cuida de seus estudos; Alguém cuida de seu trabalho. A cena avança para um ótimo jogo de falas sem escuta e sobrepostas numa imagem insólita do quanto não nos compreendemos. Ótimo jogo. Curioso notar

que esta é a segunda cena sobre família que uma mesma participante traz para as criações.

Palavras ofertadas: caos - família - não consegui anotar o restante porque estava imerso.

TRIO 03 (SE ESSA RUA FOSSE MINHA)

Alguém 01 se arruma para trabalhar e está ao telefone, ocupado. Alguém 02 quer cantarolar, viver, colorir o ambiente para além das dinâmicas de trabalho. Cantarola a música título. Alguém 03 está ao pé de seu ouvido a estimulando a provocar o ambiente, colocar poesia e interferência nele. Alguém 01 se irrita. Alguém 2 cresce e alcança o estado de interferência plena, existência plena no espaço.

Palavras surgidas: vulcão - conflito - relações concretas - delicadeza / desconexão - abismo / fantasias - interferências - subjetividade - escape / vozes - anjo - encosto - narrador - inconsciente - liberdade - sensação - cadeira no ar (essa imagem da cadeira no ar é bastante curiosa e não desenvolvida, penso).

TRIO 04 (NÃO DEIXE O SAMBA MORRER)

O trio apresenta os relatos de uma rotina cansada e exaustiva, cheia de atividades e trabalho para conseguirem viver, para conquistarem o pão. Há algo de um teatro social mais tradicional ali (um pouco João das Neves, Guarnieri ou mesmo Victor Nóvoa). O tema do trabalho precarizado aparece forte.

Palavras surgidas: fé - samba - eternidade - lazer - rotina - colapso - construir - ansiedade (há um final marcante ali com o Alguém fazendo ações de desespero, chegando à exaustão) - fim - rotina - surto coletivo - correria - sufoco - asfixia - suspiro - dilaceramento - real / a peste da dança.

TRIO 05 (JUSTAPOSIÇÃO AFETIVA) Há uma composição visual do trio: Alguém 01 em pé e de frente, e Alguém 02 e Alguém 03 sentados, um também de frente para

nós e outro de costas. Alguém 03 começa a leitura de um texto no celular que relata uma percepção bastante individual sobre uma realidade vivida; depois, Alguém 01 sobrepõe com o discurso de Salvador Alende quando da tomada do Palácio de la Moneda; Alguém 02 cantarola cantos para Oxóssi. Cena linda essa!

Palavras surgidas: fé - nostalgia - macro-micro - foco - confluência - composição - movimento - tempo - verdão (há uma referência no texto da cena a um rapaz que conheceu e que torce pro verdão) - polifonia/composição - dissonante - diálogo - pirâmide (visual) - nó - transversais - explosão - pico - desejo - poder - discurso / repertório - relações concretas.

TRIO 06 (NO ESCURO) Há um blecaute e ouvimos o som do trem em movimento. Bloco 1: as personagens riem sem parar; Bloco 2: se incomodam e chegam ao choro; Bloco 3: conversam para o tempo passar e a luz voltar. Para mim ficou muito forte nessa cena uma sensação de desimportância das pessoas em relação às estruturas de poder e instituições. Há também uma discussão sobre o campo do trabalho aí (que desculpa você daria para não ir trabalhar hoje?)

Palavras surgidas: trabalhadores enel - desimportância - escuro / jogo - estações - prisão - brasil / pico - viagem / passatempo - tempinho doido - avessos - etapas do tempo - celebração e apoio - atmosfera e jogo - fôlego - suor - tempo desespero - luz - coringar

TRIO 07 (PASSARINHO BLÁ) Trio começa com uma mulher esfregando o chão, cantando; depois vemos um homem cavando incessantemente; depois um pássaro que observa tudo e só lança “blá”. Aos poucos esse pássaro começa a lançar perguntas existenciais, digamos; e a mulher com o esfregão faz um percurso histórico de tudo o que teve que limpar de sujeira de nossa história.

Palavras surgidas: do bico pro olho, do olho pro bico; diferentes expectativas - mostrar sujeiras - batida - oca- animalesco - sons - movimento - cova -ocupação individual / jogo coletivo - lamento - arraso - reviravolta - limpar - tornar-se pássaro - limite esperança - dos que vieram antes - imagens - caça - Heiner Muller.

TRIO 08 (ESCOLA ELEVADOR) O trio nos levou para a região do elevador do prédio, em que entraram nele os que estudaram em escolas particulares e ficaram pra fora os que estudaram em escolas públicas. Duas instâncias de cena se abriram então: fora do elevador, conduzidos por Alguém 01 (que performava uma figura autoritária e rígida), éramos estimulados a responder sobre a nossa vida na escola pública e o que imaginávamos que acontecia na particular; dentro do elevador um professor “horizontal” tenta tocar uma aula adiante e entra em embate com uma aluna. Exercício muito rico no uso do espaço e nos questionamentos sobre as figuras de poder (o professor, o dinheiro , o Estado). Houve na plateia primeiro uma busca por respostas rápidas e chapadas para questões um tanto complexas, com o passar da cena o clima instaurado por essas respostas começou a evidenciar o quanto elas não davam conta da realidade; por fim, houve um clima de revolta do público com o elenco, pedindo para cena acabar.

Palavras surgidas: relações concretas - pontos de vista - divisão - saída de emergência - direcionamento vertical - claustrofobia - pé - lâmpada fria - enquadramento - aventura - mobilização - repetição - comunidade - vocação - espacialidade - articulação - contexto - perguntas e dúvidas.

É curioso perceber o que surge nessas cenas: 1) uma recorrência do tema do trabalho; 2) o tema da família voltando e mais uma vez puxado pela mesma participante (há aqui uma excelente experiência temporal do meio pro fim da cena); 3) certa timidez da turma para tocar em pontos relacionados aos processos ditatoriais. Me

dá a sensação de que não temos urgência nisso por não sentirmos de fato na pele o que foi esse período. A precarização do trabalho surge muito mais, talvez por ser mais próxima temporalmente.

Na meia hora final do encontro distribuí alguns trechos do *Y Si Viene La Guerra*, romance infanto-juvenil da cubana Liset Lantigua, para a turma (dividida agora em 6 grupos de 4 pessoas cada) para que lessem e comesçassem a planejar a criação de uma cena que tivesse esse material como fonte dramática.

Vejamos como a coisa se desdobra nesses 3 encontros finais.



ENCONTRO 06. 22/07/2022

Objetivo Inicial do encontro
Mapear e aprofundar.

Tem me chamado muito a atenção o desenvolvimento de boa parte das pessoas dessa turma no que se refere ao trato com os temas, com as abordagens e com as discussões sobre os aspectos estético-políticos das criações. São pessoas sempre muito ligadas nas referências compartilhadas, nas discussões que realizamos e em como elas podem se desdobrar em proposição cênica. Muito bonito mesmo de ver.

Começamos este encontro com um aquecimento individual, para que pudessem se conectar com seus próprios corpos e estados. Pra próxima semana quero fazer uma rodada mais coletiva de aquecimento (e mais lúdico/criativo também).

Depois, os grupos trabalharam nas proposições de cena. De modo geral, me saltou aos olhos o fato de que os grupos estavam apegados à transcrição direta do texto-referência desta noite (*Y Si Viene la Guerra*, de Liset Lantigua), sem experimentar muito outros voos com ele. Foram numa busca de retratação, de mimese. Assim percebi as cenas com menos sentido para nós. Numa pegada mais de tarefa de casa do que de criação a partir de algo que nos inquieta, que nos provoca. Para a sequência, vou deslocar as criações para que elas estejam menos no texto e mais vinculadas ao tema que o sustenta: ONDE ESTÁ A GUERRA?

Coisas que foram ditas e percebidas nas cenas e nas conversas sobre elas:

GRUPO 01 (OROS VIEJOS - MATHEUS E LUCAS) Bonita composição entre um narrador que conhece e apresenta uma história e o seu personagem retratado (o Ogro). Impressionante como o Matheus trouxe corporeidade a essa figura do Ogro. Sinto falta de vê-lo apresentado mais como uma alegoria e imagem da guerra, mais do que propriamente a uma personificação em si. Bonitos os momentos (acredito que eram 4) em que eles agiam da mesma maneira, em relação de espelhamento.

Palavras da turma para impulsionar a cena: espacialidade - humanidade - metáforas - convenções - inversão - metalinguagem - bruto - oposição - linguagem - repetição - som.

GRUPO 02 (NOTÍCIAS - CONSTANTINO)

Constantino foi pelo caminho de representar a personagem-título criança. Nós então acompanhamos Laura (a personagem vivida por ele) desenhando em suas folhas e os relatos do que ela via sobre a sua família e sobre a guerra. Houve certo apego às palavras e, nesse sentido, uma vontade minha de ouvir mais o texto mesmo então. Foi bonito ver a entrega do Constantino, sua disponibilidade para jogar e realizar.

Palavras da turma para impulsionar a cena: síntese - transformação - dizer - teatralidade - metáfora - imaginação - estranheza/estranhar - exagero do giz de cera - brincadeira - brincando com bonecos - preocupação.

GRUPO 03 (TRIO DAS ONDAS - Flora, Yenny e Marcio)

Começo da cena com Marcio olhando um espaço vazio, entre nós, e perguntando como ela viria. Quem seria ela? Uma pessoa? A guerra? Depois batem à porta com força e ele vai ver. Ele é devorado, deglutido por essa força externa. Palco vazio. Aos poucos três intérpretes entram rastejando como ondas ou forças oriundas da deglutição que avançam de maneira subterrânea em direção aos nossos pés. Flora conduz um texto sobre a guerra.

Palavras da turma para impulsionar a cena: menos palavras - repertório - gesto comum - definir - encadeamento - caminho - duvidar - mistério - suspense - cotidiano.

GRUPO 04 (QUARTETO - THAÍS, MOSHE, ISA E GIO) Duas cadeiras e 04 intérpretes. Thaís desempenha uma narradora. Moshe ilustra a narração em plano dramático. Isa e Gio propõem imagens, temperaturas, outras perspectivas.

Palavras da turma para impulsionar a cena: imagens - um fim - gerações - primeira relação - progressão - quem - medo - espacialização.

Coisas que foram ditas sobre os encaminhamentos para os próximos 2 encontros (os derradeiros):

Isa diz que para ela faria sentido nos debucharmos um pouco mais sobre o tema da guerra; podermos estudá-lo pela perspectiva latina (quais os nossos conflitos, nosso noticiário em relação a isso) e traçar alguma ponte com o material da Liset.

Vou propor que Isa e Gio façam uma cena juntas na próxima terça. Essa identificação poética está evidente ali no desenvolvimento da turma e ainda não conseguimos proporcionar esse encontro de algo criado só por elus.

Isa também relatou ver bastante sentido na condução de jogos com plataformas bem estabelecidas, como no jogo das 4 Estações/Grades (dissonâncias).

Moshe disse gostar e ter vontade de resgatar todos os materiais realizados para essa reta final. Gostaria que pensássemos num sarau para esse último dia. Yenny mais tarde endossou a proposta do sarau também e isso ganhou força com a turma. Vamos nessa direção.

Yenny também trouxe uma contribuição interessante de cada pessoa poder levar um material individual para apresentar / ofertar; e que pensássemos ou anotássemos

mos impressões pessoais sobre o nosso percurso até aqui:

O que pulsa a América Latina?
Onde está o seu corre, América Latina?

Que identidade coletiva queremos construir?

O que urge em nós?

Onde está a guerra?

Matheus relatou a vontade de trabalhar com a cena do Não Deixe o Samba Morrer, mas fora do grupo. Gio também relatou estar criando algo a partir do que vivemos no grupo.

Bruna disse ter vontade de ver UMA CENA GERAL COLETIVA. Houve reverberação positiva.

ENCONTRO 07. 29/07/2025*Objetivo inicial do encontro**Recuperar os materiais cênicos criados nessas semanas e estruturar um sarau / compartilhamento para o público.*

O encontro 07 foi dedicado à estruturação e ensaio das cenas que iriam compor o nosso compartilhamento final com o público na semana seguinte. Criamos um nome para este exercício cênico geral que criamos: GuerrAMÉRICA - Autoficção Coletiva. Foi um barato ver a coisa toda tomar forma e fôlego!

Compartilho aqui abaixo o roteiro das cenas:

GuerrAMÉRICA - Autoficção Coletiva

Roteiro de cenas:

- 1) **A primeira vez que ouvi falar em guerra** - com Pê Braga e texto de Márcio Vasconcelos;
- 2) **Donde está la guerra** - com Yenny Agudelo, Flora Ainá e Lucas Bernardo, e texto de Yenny Agudelo;
- 3) **Está na repetição** - atuação e texto de Isa Borges e Giovanna Monteiro;
- 4) **Ali fora, aqui dentro** - atuação e texto de Thaís Rossi;
- 5) **Um palco dividido de forma sutil** - com Mariana Ruiz, Christian Otero e Lets, e texto de Lets;
- 6) **A Guerra do Cabo do Cabo de Guerra** - com Aline Sayuri, Erick Santo Rei e Matheus Ramos, texto e direção de Luê Vanoni;
- 7) **Fade out** - com Pê Braga e Vinícius Albano, texto e direção de Márcio Vasconcelos;
- 8) **Canção de A Última Gaivota** - letra de Isa Borges.

“É um caminho que se apresenta, que provoca e que não aponta para um fim”

ENCONTRO 08. 05/08/2025*Objetivo inicial do encontro**GuerrAmérica - Autoficção Coletiva**(apresentação do exercício cênico para o público).*

Este encontro final foi voltado ao ensaio, organização e apresentação de nosso exercício cênico ao público que esteve ali para acompanhar o encerramento de nossas atividades. Para além das pessoas que compuseram este Grupo de Estudos Cênicos, estiveram presentes cerca de 20 pessoas para assistir o trabalho criado e compartilhado pela turma.

Ao final, foi realizada uma grande roda de conversa entre as pessoas participantes deste Grupo de Estudos e o público. Em roda, trocamos sensações e impressões sobre o que foi mostrado e compartilhado, bem como de todo o percurso vivido nesses 02 últimos meses.

A sensação geral que fica é a de que este trabalho poderia se estender para outros encontros e para um desenvolvimento ainda mais continuado. É um caminho que se apresenta, que provoca e que não aponta para um fim, mas para um certo manancial criativo. Foram vários os relatos elogiosos às etapas do processo, à condução, à abertura de espaço para que cada pessoa pudesse se inserir ali como artista-criadora e não apenas como alguém que vem partilhar da pesquisa de um Coletivo que já existe há anos. Mas de tudo o que foi dito e vivenciado, o que mais fica forte e prazeroso pra mim é ver e fruir as criações que foram feitas, os materiais produzidos pelas pessoas participantes neste período a cada provocação que era lançada.

Compartilho aqui abaixo a dramaturgia de nosso exercício cênico. Acredito que ela consiga dimensionar isso que digo no parágrafo acima. É um compilado das produções dos participantes, feitas em resposta ao que era trabalhado a cada semana. Uma espécie de autoficção coletiva desse nosso aglomerado.

Evoé!!



Dramaturgia



GuerrAMÉRICA

Autoficção

Coletiva

fotos
Tomás Franco

A primeira vez que ouvi falar em guerra de Márcio Vasconcelos

Guerra!

A primeira vez que ouvi falar em guerra, talvez tenha sido na escola. Não! Na biblioteca.

Não! Na estante do meio. Não também!

No livro que ficava no rodapé da sala. Gritaria de guerra na fila da merenda. “Merenda, merenda”

Guerra de pão e chá.

Mochila molhada, caderno empenado.

A segunda vez que ouvi falar em guerra foi em casa. Não! No almoço.

Não! Na vó, na boca da vó...

No grito, no choro, no silêncio, na bobagem, na polícia revirando o quarto, as gavetas, a cama virada de ponta cabeça, na zona!

Ele fugiu. Todos os homens fogem.

Donde está la guerra de Yenny Agudello

La guerra está en donde menos pensamos y a veces en donde más pensamos. En los desacuerdos, en la falta de opinión, en la diferencia de opinión, en los lugares que pensamos que son seguros y no lo son, está en quienes no respetan la diversidad.

La guerra está plasmada en la historia, en las vidas de nuestros antecesores. Está extendida por todo el continente y por todo el mundo, desde sus orígenes. La vemos todos los días por la televisión, por el celular, la olemos en cualquier lugar por donde caminamos, la recibimos a través de todos nuestros sentidos y la llevamos a nuestro interior sin pensar mucho en ella. La guerra está en nosotros, incluso a través de nuestros pensamientos y sueños nocturnos.

La guerra está cerca.

Onde está a guerra

A guerra está onde menos pensamos — e, às vezes, onde mais pensamos. Está nos desacordos, na falta de opinião, na diferença de opiniões, nos lugares que achamos seguros mas que não são, esta naqueles que não respeitam a diversidade. A guerra está presente na história, nas



vidas de nossos antepassados. Está espalhada por todo o continente e por todo o mundo, desde suas origens.

A vemos todos os dias pela televisão, pelo celular; sentimos seu cheiro em qualquer lugar por onde andamos; a recebemos com todos nossos sentidos e a carregamos para dentro de nós sem pensar muito nela. A guerra está em nós — inclusive por meio dos nossos pensamentos e dos nossos sonhos noturnos. A guerra está perto.

Está na repetição de Giovanna Monteiro e Isa Borges

Está na solidão, no vazio, na vaidade, no desamor, na ambição, na disputa, na invasão, na riqueza, na pobreza, na fome, na sede, no fuzil, na pólvora, no gatilho, na bala, na perfuração, no rasgo, no sangue, na mancha, na dor, no grito, no desespero, nas lágrimas, no escuro, na paralisia, na morte, nos ossos, nas cinzas, na poeira, nos escombros, no fim, no esquecimento, na repetição.

Ali fora, aqui dentro de Thaís Rossi

Está ali fora. Está aqui dentro. Dentro do país, da cidade, das ruas, da casa... na minha casa.

Está em mim. Está na minha cabeça, alma, coração, peito, vida. A guerra me

habita, me muda, me modifica e eu não tenho forças para modificá-la. Ainda não.

Sou/Estou apenas um ser passivo dentro dela. Essa guerra também é de outros-outras.

Eu não a escolhi. Eu não escolhi estar aqui. Não escolhi esta guerra. Esta luta. Fui catapultada (ou me catapultaram, não sei) para esse lugar e não sei como sair. Não vejo saída de onde estou, de onde olho, de onde observo.

Penso que essa guerra poderia ser de outras, de outros, de outres... queria que não fosse minha.

Penso que essa guerra pode até ser menor aos olhares das outras, de outros, ao olhar do mundo isso pode ser nada, das pessoas que têm necessidades urgentes de sobrevivência, das pessoas que saem para matar/morrer em nome de “manter a segurança/poder/ordem/valores” ou mesmo saem sem saber o porquê (talvez o porquê mais concreto seja apenas receber um salário mínimo de fome que mal o mantém vivo/são...

Mas esta é a minha guerra. E é/está imensa. É pessoal, mas é de tantas e tantos, principalmente de tantas. Tem gênero.

Saio sem saber se volto para casa. Como sair à rua sem saber se vou voltar? Como ficar presa num mesmo lugar? Como deixar o outro me colocar numa posição que não tem saída? Como não deixar o outro me colocar numa posição que não tem saída?

A vida devia ser bem melhor... será? Ouvi

lá fora... mas minha guerra está no corpo. Neste corpo. Está na alma, coração, peito, pés, cabeça, até o último fio de cabelo.

Um palco dividido de forma sutil de Lets

M: Um palco dividido de forma sutil – não por cenário físico, mas por luz e movimento. De um lado, crianças brincando. Do outro, soldados em combate. Ambos os lados executam os mesmos movimentos sincronizados.

Luz: Quente e alegre no lado das crianças. Fria e densa do lado dos soldados.

Som: Trilha suave e infantil se mistura a sons de tensão e rádio militar, criando um contraste simultâneo.

[A CORTINA SE ABRE]

L: Crianças entram correndo no palco, riem, pulam corda, jogam bola, brincam de esconde-esconde.

E: Ao mesmo tempo, soldados entram pelo lado oposto em passos firmes, atentos, com armas simuladas.

M: Seu mestre mandou

L e E: Fazer o que?

M: Esconde-esconde.

M: Seu mestre mandou

L e E: Fazer o que?

M: Polícia e ladrão

M: Seu mestre mandou

L e E: Fazer o que?

M: Gira-Gira

[MOVIMENTO] A movimentação vai ficando mais frenética. As crianças brincam com mais intensidade. Os soldados parecem cada vez mais tensos.

M: Seu mestre mandou.

L e E: Fazer o que?

M: Vivo-morto.

Após 3x a palavra **morto**, criança e soldados morrem em cena.

[E ENTÃO..]

UM ESTRONDO – Uma bomba explode. Um som seco, poderoso, que engole a trilha sonora.

VIVO! VIVO! VIVO! (repetidamente e desesperadamente)

Fumaça invade o palco, cobre tudo.

[PAUSA]

Silêncio.

Lentamente, a fumaça começa a dissipar. Não há mais ninguém no palco. O vazio é absoluto.

Luz: Fria, azulada, quase inexistente.

Som: Nenhum. Silêncio pleno.

[A CENA TERMINA]

A Guerra do Cabo do Cabo de Guerra de Luê Vanoni

A guerra do Cabo do cabo de guerra
está fora do centro
das discussões
da cidade

da roda do mundo

A guerra já viu tanto, penso se Ela não
está cansada de ouvir os gritos das crian-
ças, o choro da fome, o olhar da perda.

Terra arrasada pela covarde bomba sem
mãos, volante pelos drones, navegante
de águas, escondidas nas terras, sorratei-
ra de sirenes dos carros de gente impor-
tante.

Ouçó um pio lá do outro lado do mundo,
aceno, é um pedido de paz, fico parada
e me lembro que o outro lado do mundo
não é tão longe, é atrás da minha casa, na
minha minha rua, são jovens, são gente, é
nós, gente viva gente vida!

A guerra está onde a ajuda tem que che-
gar escondida
A guerra está onde ainda há esperança

A guerra está onde um dia quem sabe,
foi paz

Fade out de Márcio Vasconcelos

Texto livre, com tentativa
de imagens possíveis

Estou no meio de um temporal.

Me trouxeram amarrado num pedaço de
corda pra eu farejar as coisas que explo-
dem. Escapei com sorte, mas chove e
vejo pernas correndo.

Vejo pernas tremendo também.

Tenho medo e mordo pra me defender.
Quero correr pra onde a guerra não está.
Ouço dizer que ela ainda não chegou.

Mentem pra mim, suponho que ela já
está aqui.

Covarde, a guerra como uma nuvem roxa
praguejando raios em cima de nossas ca-
beças. Estamos cercados!

Ninguém me escuta.

Mudo o rumo da minha revolução, sou a
favor dela, da guerra.

Quero correr, quero morder o calcanhar do
inimigo e dilacerar pescoços. Mordo a pata
traseira de um cavalo, que com um coice me
lança longe. Caio dentro de uma trincheira.

Lá dentro encontro civilização, são pesso-
as, aquelas que aprendem sobre educa-
ção, cultura, ética e que me lançam para
fora com desprezo.

Sinto dor, lambo minhas próprias feridas
mas não tenho tempo de lamentação.
Choro mesmo assim.

Um grito curto, agudo e amplificado sai
pela primeira vez.
Dói tudo e uivo feito os lobos, sou deriva-
do deles.

Talvez eu seja só algo treinado para fare-
jar dinamites.

Mudo de lado novamente, não posso es-
tar a favor da guerra, me treinam para que
no caso de vestígios, num campo minado
aberto eu morra antes que eles morram.

Covardes, não posso estar do lado da
guerra, mas não posso também fugir, não
sou covarde, ela é covarde, a guerra, que
chega sem dar sinal.

Se fujo, sou dilacerado com disparos brutos.

É dor demais pra se ter no meio de um

temporal. Um tiro, dois, trinta? Que isso? Que mundo exterminador é esse?

Me defendo e acabo por fazer aquilo que não desejo, não tenho raiva, juro...mas mordo pernas, assim como suporte as pancadas, as coices também.

Cheiro mal

Sou animal sarnoso.

Encontro um semelhante vindo em minha direção.

Ele se arma diante de mim.

Será um reflexo, espelho, rio?

Não! É outro de mim em carne, osso e dentes.

Ele avança com a dentada afiada. uma tropa de dentes cresce na minha direção. Será a guerra?

Atracamos um ao outro sem piedade nenhuma.

Ele parece querer mais do que eu.

Eu só me defendo e me perco na falta de ambição.

Sinto como se mordesse a mim mesmo.

A guerra está aqui agora, entre nós dois, é isso?

A guerra veio mesmo e veio no formato de algo que sou eu.

É isso então a guerra? eu sou a guerra?

Eu não posso acreditar que a guerra sou eu ou que está aqui a polegadas de distância!

Vou apagando aos poucos, fade out, fade out, blackout.

Apago mas continuo existindo, tremendo de frio num temporal e com um animal des-temperado enganchado no meu corpo.

Eu cedo.

Mas poxa, eles que dizem que nós aqui da América Latina temos garra e eu vou ceder assim?

Há fumaça, fogo, botas, bombas, terra, há muita terra aqui. É territorial? Então eu mijo nos canteiros pra garantir o que é meu.

Mijo em cima da urina dos meus semelhantes. Fade out, fade out...

Ei, você! Hey, você, quer saber...se pudesse lhe lamperia as feridas, mas não tenho civilização.

Só sei sentir o cheiro do seu hálito e há carinho nisso também.

Se pudesse levaria você em casa pra tomar sol comigo no quintal.

Mas você, com dentes cravados na minha fuça, olha com fúria, como se fosse eu a tua propriedade.

Como se fosse eu, a raposa na boca de um leão.

A sua carniça, farejo sua carniça enquanto você rasga uma parte de mim. Escorremos, os dois.

Em vermelho.

Os Dois em vermelho.

Ou um só.

Em vermelho.

Não há sutura que suporte o peso da tua mordida.

A guerra me mordeu fatal e cuidado.

Ela continua aqui

A guerra está aqui.

Fade Out!

**Tratando sobre o
Grupo de Estudos
Cênicos e suas
experimentações para
a criação dramatúrgica**



Grupo de Estudos Cênicos: Natureza e Utopia na Instauração do (Im)possível

fotos
arquivos pessoais

Emilene Gutierrez

Em 26 de junho de 2025 demos início aos encontros do Grupo de Estudos “Natureza e Utopia na Instauração do (Im)possível” realizado pelo grupo de teatro Coletivo Labirinto a partir do projeto de pesquisa e montagem “Pés-Coração: a América Latina como Caminho” aprovado pela 43ª Edição da Lei de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.

O grupo de estudo, gratuito e aberto a toda comunidade, contou com 8 encon-

tros presenciais realizados na Universidade Estadual de São Paulo (campus Barra Funda) em parceria com o Projeto de Extensão Universitária “Teatro de Grupo - aprendizados, diálogos e interlocuções”.

De cara já ressaltamos a relevância dessa parceria que viabilizou a ampliação do público atingido, sobretudo por acolher o projeto em uma instituição pública garantindo as condições materiais e simbólicas para que o trabalho de experimentação e criação de linguagem aconteça em profundidade e capilarização dos encontros poéticos pela cidade. Muitos participantes do grupo relataram que não conheciam a Universidade e que aquela era a primeira vez ali, vivenciando um curso/encontro/aula/grupo no espaço da UNESP.

Bom, em linhas gerais, o projeto do Coletivo Labirinto (ainda em execução no momento de escrita desse relato) propõe a mirada ao povo indígena mexicano Rarámuri, assim como, sua marca cultural originária reconhecida como povos corredores ou que se deslocam em grandes distâncias caminhando. Em uma tradução livre Rarámuri significa *pés ligeiros* e partindo desse reconhecimento ontológico (que radicaliza as relações entre sujeito, cultura, ambiente, espiritualida-

de e cognição) nos provocamos poeticamente a pensar possíveis alegorias para as corridas que acontecem em nosso contexto contemporâneo brasileiro no recorte latino-americano.

No espaço deste Grupo nos colocamos em movimento a pensar “para onde corremos?” e/ou “qual a corrida utópica que se faz agora?”, construindo uma certa mirada de devires imagéticos, políticos, corporais e identitários nos quais a Natureza se apresenta como uma mediadora não antropocentrada nessa caminhada. Foram compartilhados materiais e referências de pesquisa que atravessam o projeto do Coletivo Labirinto, por minha perspectiva, convidando também os participantes a trazerem seus projetos pessoais no diálogo com os temas disparadores. Assim, observo que o grupo não se estabeleceu como uma oficina tradicional (no sentido hierárquico da transmissão de conhecimento ou técnica teatral), mas sim como um espaço horizontal de debate, experimentação criativa de linguagens, partilhas de dúvidas e desejos.

O chão construído para pisarmos juntos se fundamentou na convocação do conhecimento coletivo, na utopia do reconhecimento de saberes, cosmovisões ancestrais e hackeamento de novas formas de vida menos colonizadas.

Os encontros foram divididos em 3 etapas de modo a vislumbrar o percurso e direção traçadas. São elas: Embriaguez, Exploração de Materiais e Elaboração/

Estudos Dramatúrgicos. Tais fases foram vislumbradas não cronologicamente e não sequenciadas, visto que uma alimenta a outra, se sobrepõem, se contaminam e foram vividas simultaneamente. No entanto para vislumbre didático foram divididas como norteadores de rotas.

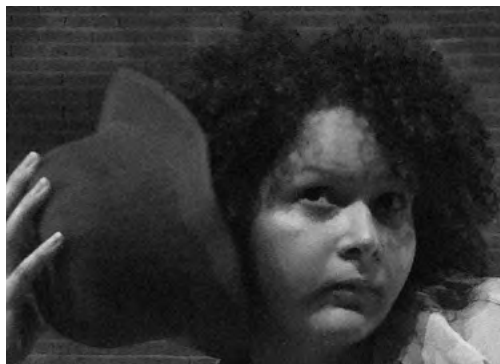
Compartilho abaixo os principais conceitos, materiais norteadores, passos dados e criações compartilhadas. Ao final, deixo como anexo um mapa dramatúrgico que nos guiou na abertura para o público no último encontro.

EMBRIAGUEZ

Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje. Laroyê!

Provérbio Iorubá

Chamo a esta etapa de EMBRIAGUEZ justamente por trazer a imagem de uma condição em que estamos abertos/as a receber fisicamente (e aqui mentalmente também) “substâncias” variadas, de qualidades e origens diversas. No intuito de evitar a negação, nos autorizamos a misturar essas substâncias sem julgamento, de modo que por vezes pudemos “passar mal, vomitar, se intoxicar e ficar de ressaca”. Empresto esta imagem provocativa do diretor Lubi, pois aqui a metáfora da embriaguez alcoólica nos auxilia a pensar os primeiros encontros do grupo de estudo em que o foco foi o compartilhamento



de referências e possíveis norteadores teóricos e estéticos do que viria. Nos embebedamos em conceitos e experiências de ordem artística, filosófica, biológica, política e pedagógica, a fim de criar um território epistemológico comum.

Abrindo oficialmente os trabalhos, eu trouxe o provérbio iorubá citado acima como provocação e sensibilização dos encontros. Aqui, Exu, o orixá mensageiro, age fora da linearidade do tempo, subvertendo a lógica de causa e efeito imediato. O mistério de Exu atravessa a concepção colonial de “começo-meio-fim” pois **Exu age, realiza!** E esta ação não se apresenta de forma isolada, ao contrário, se conecta entre passado-presente-futuro de forma complexa e profunda. O gesto do hoje, a pedra lançada estrategicamente hoje, pode reinventar o ontem e reverberar caminhos futuros.

A estratégia se faz em deslocar concepções naturalizadas na ordem social e subjetiva que vivemos, a fim de vislumbrar e instaurar os (im)possíveis utópicos.

Imbuídos desta provocação do primeiro encontro, realizamos uma roda de apresentação e, para além da formalidade comum neste momento, convidei a reflexão individual para que cada um se apresentasse dizendo também “O que em mim é América Latina e O que em mim não é América Latina?”. Compartilho aqui algumas respostas:

O que em mim é América Latina?

O que em mim não é América Latina?

Povos
Resistência e Luta
Amazônia
Sons e Ritmos: Lambada, Cúmbia
Busca de territorialidade
Melodrama, Novela, Futebol
Sangue Latino, Cerveja, Estar com outras pessoas
Ginga, Alegria de Viver
Ser Inteiro
Fé/Candomblé
Pensar e Estar Coletivamente
Intuição
Fome de Viver Coisas
Mistério
Floresta (replantada)
Desfile de carnaval 1987 (Mocidade com samba
enredo TUPINICÓPOLIS)
Teatro

Urbano
Separação
Disney
Minhas Roupas
Falta de Memória
Sobrenome
Quando me calo
Frio
Morte, Finitude
Derrota
Apresentação corporativa em Inglês

No âmbito da **teoria e epistemologia decolonial** nos debruçamos sobre alguns textos, livros e conceitos. Um deles foi o texto *Ch'ixinakak utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores* de Silvia Rivera Cusicanqui. Intelectual e ativista boliviana, autora também do livro *Um mundo ch'xi é possível, ensaios de um presente em crise*, ela nos trouxe o conceito “**ch'ixi**” (termo aimará usado para se referir a uma coloração cinza que, na verdade, é formada por pequenas manchas brancas e pretas que se tornam cinzas apenas quando vistas a uma determinada distância).

A partir desse conceito refletimos o olhar viciado e dicotômico colonial que reduz as experiências em binaridades sociais e subjetivas. Em um exercício de imaginação sociológica Cusicanqui nos abre possibilidades de reabilitar abismos daquilo que não aprendemos ou esquecemos, trazendo pela cosmovisão indígena, caminhos de compreensão de uma contemporaneidade latino-americana imersa em crises: “porque temos sempre de estar nas disjuntivas de ser pura modernidade ou pura tradição?”.

A discussão tensiona as oposições, colocando-as em convivência, e não em anulação. Em roda de conversa, esta tensão se apresentou como reflexo de nosso próprio tempo histórico e contextos dados. Um participante colocou que em períodos de fascismo absoluto, seria impossível falar sobre tais complexidades e limiares. Ao passo que agora temos um certo privilégio

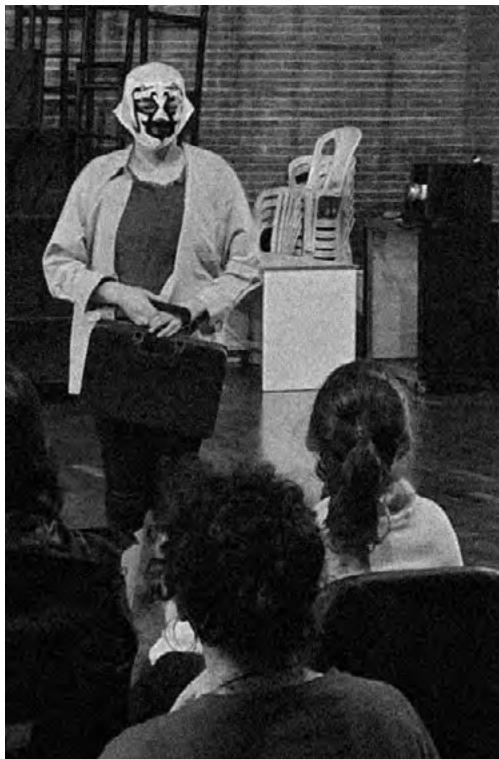
“O mistério de Exu atravessa a concepção de ‘começo-meio-fim’ pois Exu age, realiza!”

de se pensar e afirmar identidades diversas e pluralismos políticos. Apontamos aqui certos perigos de adotar uma ideia totalizante da “MESTIÇAGEM” e também de uma “IDENTIDADE PURA”.

Outro material de base para análise de dicotomias e binarismos foram diversas provocações oriundas da **filosofia multiespécies**. Em linhas gerais trata-se de uma abordagem onde natureza e cultura não se separam, humanos e outras formas de vida (animais, plantas e minerais) coexistem em redes de complexas relações.

Propõe-se aqui deslocar a centralidade Humana (com “H” maiúsculo, representando a ideia de Humanidade eurocêntrica-patriarcal-branca-logocêntrica) de modo que se possa habilitar questionamentos das hierarquias coloniais e o esforço de **senti-pensar** e **coracionar** para além da lógica antropocêntrica neoliberal.

De uma certa maneira o convite multiespécie nos coloca deliberadamente em



uma dimensão ética nas quais reconhecemos outras formas de vida não Humanas como também agenciadores históricos e políticos, onde o “ser” passa a ser um ponto de vista e não apenas uma forma física.

Algumas autoras e livros provocadores: *Autobiografia de um polvo e outras narrativas de antecipação* (da filósofa belga Vinciane Despret), *El sueño de toda célula* (da poeta mexicana Maricela Guerrero), *Uma baleia é um país* (da poeta mexicana Izabel Zapata) e *Quando as espécies de encontram* (da filósofa norte americana Danna Haraway).

Lemos trechos dos livros citados, assim como as provocações elaboradas pela pesquisadora brasileira nas temáticas de gênero, animalidade e bioética Martina Davidson:

“As abelhas não falam, mas dançam. Elas vibram seus corpos para indicar a direção e a distância das flores, criando

um sistema de comunicação sofisticado sem palavras. E se a política não estivesse no discurso, mas no movimento?

Pesquisas mostram que algumas espécies de aranhas usam suas teias não apenas como armadilhas, mas como extensões de sua cognição. E se a inteligência não estivesse apenas dentro do corpo, mas espalhada pelo ambiente?”

Um polvo nunca está completamente só: ele pensa com seus tentáculos, sente através da água e altera sua forma conforme a relação que estabelece com o mundo. Três corações na cabeça e neurônios nos tentáculos: por isso sentem com o cérebro e pensam com os pés. E se a subjetividade não fosse fixa, mas fluida, múltipla, tentacular?”.

Vários “nós” na cabeça-coração-intestino e muita inspiração se somaram ao caldeirão de referências, junto aos **materiais dramatúrgicos** que também nos debruçamos. De uma certa maneira o intuito foi entrarmos em contato com o imaginário teatral de artistas de outros países da América Latina e observando estratégias de fabulação textual assim como as camadas e discursos estético-ético-político dos textos. Foram eles:

Estado Vegetal de Manuela Infante (Chile)

Aqui a obra teatral apresenta um monólogo polifônico em que a protagonista é uma mulher vivente em multidão, que transite em várias personagens. A narrativa aborda um acidente entre um motociclista e uma árvore a partir de múltiplos ângulos, inclusive do ponto de vista da própria árvore. A estrutura da peça reflete a lógica vegetal, utilizando repetições e sobreposições não lineares, provocando questionamentos éticos sobre a relação humana com o meio ambiente e as múltiplas inteligências entre reinos humanos e não humanos.

Santiago Amoukalli de Luisa Pardo e Gabino Rodríguez (México)

Aqui a dramaturgia, criada em contexto do projeto artístico do grupo mexicano Lagartijas Tiradas al Sol, se estrutura entre camadas documentais, narrativas mitológicas, depoimentos e uso de materiais relacionados à pesquisa do grupo, como vídeos de entrevistas, músicas indígenas, material publicitário e dados oficiais da realidade tratada em questão. “Santiago Amoukalli é o nome de uma comunidade localizada no sudoeste do México, onde se fala náhuatl e um pouco de espanhol. Luisa Pardo e Gabino Rodríguez tiveram um encontro com Santiago Amoukalli e seus habitantes. Estrangeiros em seu próprio país, eles passaram algum tempo lá, coincidindo com as eleições de 7 de junho de 2015. Chovia muito. Essa história se passa em uma época convulsiva, em um país febril, com pessoas trêmulas e em um lugar que talvez nunca tenha existido.”



Outra obra no campo estético que nos debruçamos foi a **instalação artística visual** *ONCE UPON A TIME* de Stevie McQueen. Estive na instalação reproduzida na Pina Contemporânea em março de 2025 na exposição *Era uma Vez* (<https://www.youtube.com/watch?v=Oq5aiU1S4Hw>), e ela envolvia a projeção de 116 fotografias enviadas ao espaço pela NASA na década de 1970, destinadas a mostrar aos alienígenas como é a vida na Terra. O artista toma essas imagens e as expõe acompanhadas por um áudio com vozes ininteligíveis “falando em línguas que não existem”. Conhecido como **glossalália**, os sussurros no ambiente da instalação não possuem um significado semântico traduzível e previsível – mas propõe um transe onírico ao falar com outros mundos e planos metafísicos.

Essa provocação de “algo que não existe” e que se instaura como “um outro lugar” e “um outro tempo” nos instigou a buscar o significado etimológico na palavra UTOPIA que em grego combina “ou” (não) e “topos” (lugar), significando literalmente “não lugar” ou “lugar nenhum”.

Visando abrir a compreensão e fazer conexões criativas com esses campos imaginativos, propus que todos assistíssemos a palestra *“A Dimensão Estética da Utopia”* realizada no Sesc Vila Mariana, em abril de 2016, com Muniz Sodré, Joad Raymond, Marcus Faustini e mediação de Bia Lessa (<https://youtu.be/NO9bQ0ytOvw?si=usruSZdyXA1Uucrv>). Ali, os pensadores e artistas discutem sobre a importância da

“Que se possa habilitar questionamentos das hierarquias coloniais e o esforço de sentipensar e coracionar para além da lógica antropocêntrica neoliberal.”

Arte e Estética como criação de novas realidades, a utopia como pensamento estético e estratégias discursivas.

Aqui algumas perguntas, afirmações e reflexões discutidas no grupo:

- Utopia é a rejeição de algo que parece rígido.
- Suposição de uma sociedade sem amarras? Politicamente isso não é possível, mas eticamente sim!
- O maior instrumento estética da utopia é a imaginação, a imagem!
- Jogo entre visível X invisível, real X irreal, social X individual,
- Qual significado damos a palavra utopia? O que nos leva a ação?
- Emoções, afetos, sentimentos, campo indeterminado!
- Utopia é sonho, transe!
- A África não concebe a utopia, pois lá já ‘é o outro’ que vive em flexibilidade com o tempo linear, negando verdades absolutas e fanatismos.
- A periferia também é “outro”, a utopia existe lá!
- O sonho é uma experiência coletiva, parece íntimo, mas não é somente sobre mim.
- Que língua inventamos para falar de algo que não existe aqui, agora, na lógica que vivemos?

Para finalizar as referências provocativas em nossa embriaguez, ouvimos um pequeno trecho de uma entrevista dada por José Celso Martinez Correa, nosso grande Zé do Teatro Oficina, sentipensando sobre sua **“ética de ginga”**:

“É uma ética de ginga... tá? É uma ética que se estabelece entre as pessoas naturalmente se elas têm o objetivo de criar... De fazer de cada dia uma coisa maravilhosa, uma aventura, entendeu? Que elas não têm o objetivo de segurar... Quem segura não pode criar. Você tem que abrir, se abrir tudo... abrir suas portas... Por isso que esse teatro da Lina é todo escancarado pro universo e pra cidade. O ator come a cidade... ó... que pra nós já é o mar... Esses sons de carro... Ele come a cidade e come o universo... E dá de volta...”

EXPLORAÇÃO DE MATERIAIS CRIATIVOS

“Estou então em busca de histórias que são também fabulações especulativas e especulações realistas.”

Donna Haraway

Aqui trago faíscas de impulsos criativos provocados pela embriaguez e junto com ela, a necessidade e chamado para exploração da linguagem no corpo, na palavra

e cena através de jogos de improvisação, narrativas em pequenos grupos, escrita em fluxo e dinâmicas criativas realizadas ao longo dos encontros.

No corpo e espaço

- Aquecimentos com coluna vertebral
- Respiração: Inalar/exalar habilitando o osso esterno, deixar o peito deslizar para o centro da Terra (INALAR: criar espaços entre órgãos // EXALAR: projetar um mundo que nunca vai acontecer)
- Dança da expiração com sons e movimentos.
- Exploração em movimento dos Diafragmas: céu da boca, diafragma, pélvis, ânus, vagina, pênis, assoalho pélvico. Quanto de LUZ entra e sai?
- Criação de espaços com o ar nas estruturas (partículas invisíveis, deixar desaparecer, espacializar as sensações)
- Dança de fazer desaparecer sentimentos no ar!
- Exploração de GESTOS/AÇÕES clichês da América Latina, caminhos e estéticas reconhecíveis > síntese
- Espaços na própria UNESP: QUAL NATUREZA JÁ ESTÁ AQUI? Terra, árvores, histórias, conflitos com a urbanização e espaços do transporte público.
- Improvisação: Receitas para instaurar impossíveis.

Na escrita e palavra

- O que em mim é América Latina? O que não é América Latina?
- O que pulsa América Latina?
- O que é e o que poderia ser América Latina?
- Utopia pode ser verbo? Se sim, como? Se não, porquê?
- Para onde, por onde, por que corremos?
- A corrida é sempre para frente?
- O que eu sonhei na última noite? Com o que tenho sonhado?
- Qual meu maior transe?
- O sonho é um transe?

ELABORAÇÃO/ ESTUDOS DRAMATÚRGICOS

“O mundo é formado não apenas pelo que já existe, mas pelo que pode efetivamente existir.”

epígrafe no livro “Por Uma Outra Globalização”, de Milton Santos – geógrafo brasileiro

Concomitantemente as frentes de Embriaguez e Exploração Criativa, este Grupo de Estudo abriu espaço para que os participantes trouxessem suas pesquisas pessoais e paralelas, que fossem provocados a dialogar criativamente com os temas geradores a partir de seus próprios interesses e vivências.

Uma das propostas foi que cada pessoa revisitasse as referências, práticas e temas do breve percurso coletivo e preparassem uma cena/exercício/performance/programa que estivesse pulsando individualmente. Quem quisesse poderia se aventurar pelo teatro, dança, artes visuais, depoimento cênico, manifestos encenados ou qualquer outro campo artístico. O objetivo foi abrir caminhos, experimentar linguagens e criar um ambiente utópico juntos/as! Valeria usar a sala, espaços externos, diversidades de materialidades, músicas, instrumentos, utilizar o próprio grupo como suporte.

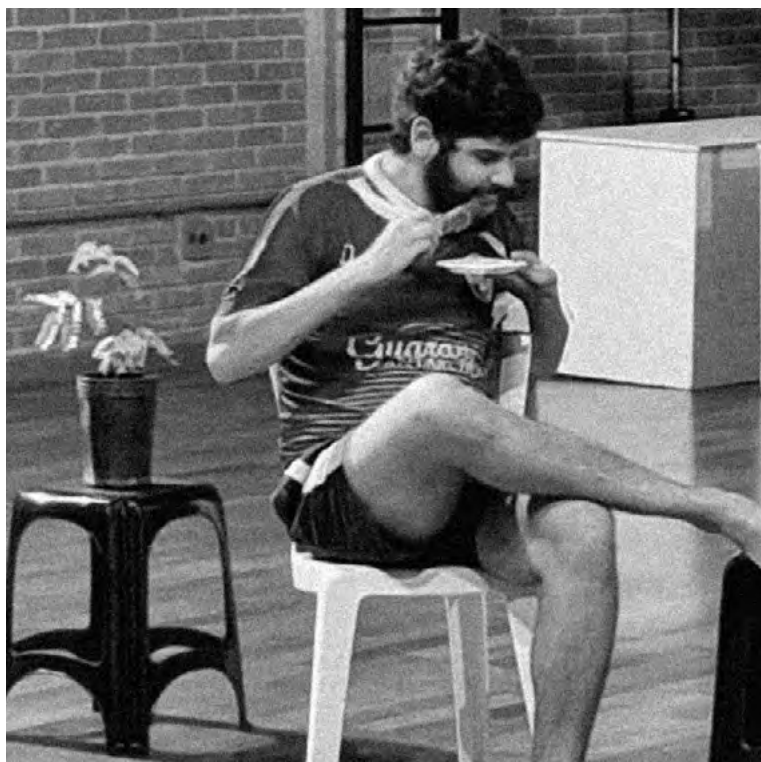
Alguns encontros foram tomados por esta etapa vislumbrando o estudo dos elementos de cena, presença, discurso e imagens gerados. Aqui nos propusemos ao olhar coletivo sobre proposições individuais e vice versa configurando uma espécie de contaminação entre artistas e uma simbiose coletiva criativa.

Os materiais gerados se apresentaram de forma muito potente e um dos encontros foi dedicado ao estudo dramatúrgico e a

conexão desses fios narrativos. Com orientação minha, nos debruçamos na organização de temas, imagens, camadas emotivas e sequenciamento das performances, de modo a criar um trilho dramatúrgico comum para repetição e compartilhamento com o público.

Ao final, no último encontro do Grupo de Estudo realizamos abertura desses materiais criados, numa espécie de transe coletivo, compartilhando os corres de cada dia, as utopias, tempos expandidos e sonhos.

Segue trechos do material dramatúrgico criado e apresentado no dia 14 de agosto de 2025 na Sala Reynúncio Teatro.



Dramaturgia



HUELLAS/ PEGADAS Estudos Dramatúrgicos

Direção de Emilene
Gutierrez
(Coletivo Labirinto)

Performers criadores:
Fernanda Stein
(e participação de
Roberta Stein),
Marcela Lívier,
Allycia Machaca,
Priscilla Mayer e
Tarcísio Martins

ORDEM DE CENAS

ABERTURA COM JUEGO DE BOLA
CENA MACHACA LEITURA TEXTO “HUELLAS”
CENA TARCÍSIO: COBRA COM CARA DE CA-
CHORRO
CENA FERNANDA E ROBERTA: EXPERIMENTO
AMÉRICA LATINA
CENA MARCELA: OPTIMISMO FULLTIME FEAT
GALEANO
CENA TARCÍSIO: NOVOS HÁBITOS/CORRIDA
COLETIVA
CENA PERGUNTAS COLETIVAS
CENA PRISCILA: FAZER NADA
CENA TARCÍSIO: ESPAÇO DA MENTIRA E PLAN-
TA PERIGOSA
CENA MACHACA: SONHO E CONDOR
TEXTO FINAL EMILENE E VÍDEO CURTO

1. ABERTURA COM JUEGO DE BOLA

Público entra enquanto grupo de performers brinca com Bola Rarámuri. Ladainha “Onça na mata” ao fundo (https://www.youtube.com/watch?v=06s_HC62uWc). Público se acomoda, música diminui e grupo continua a brincadeira em diferentes dinâmicas, até se concentrar no centro do palco, bem próximos tocando a bola.

Fremir com o corpo, se olhar e “merda” (bem baixinho). Grupo se posiciona em linha (ombro à ombro).

2. LEITURA TEXTO “HUELLAS”

Machaca, ao centro, lê o texto.

Después de una noche de música y danza, de preparar comida y ofrendas, todos se preparan para despedir al muerto quien comenzará un andar solitario. Se recogerán sus huellas y los pasos que dio en la vida para despedirse y pedirle que no vuelva más.

Emilene interrompe e explica ao público que a palavra “Huellas” significa “Pegadas”. Faz o gesto com a mão. Grupo repete gesto e também a palavra “huellas”, convidando o público a repetir também. Jogo com a repetição e correção da pronúncia. Machaca corrige a pronúncia. Machaca volta a leitura.

Bien...voltando ao texto... se recogerán sus huellas y los pasos que dio en la vida para despedirse y pedirle que no vuelva más. Es importante que los vivos realicen esto porque ser un rarámuri es caminar y actuar de acuerdo con la costumbre y el camino de los antepasados. *Eyénama* es el término utilizado para hablar de la acción del caminar y de manera figurativa de la existencia, de la vida y del comportamiento. Como dijo un escritor mexicano: los rarámuri —hijos del Sol, los que caminan bien— en sus danzas y sueños transitan por otros territorios y se transforman en caminantes celestes.

“Tener cuidado” o “cuidar de otro” en lengua rarámuri implica la observación del caminar y remiten al acto de “huellear”. (PAUSA. *Todos repetem a palavra “huellear” para si, refazendo o gesto com as mãos*). Durante la vigilia y el sueño, el “huellear” es una habilidad recurrente que permite buscar o identificar a las personas. “Huellear” es leer las huellas impresas en el suelo como un texto. Un buen “huelleador” es capaz de reconocer el género del caminante, la edad, el peso y la velocidad de su andar. También puede saber hacia dónde se dirigía y de dónde partió. Así, huellear es saber estar con los otros y construir con cada paso el camino conjunto que da sentido al ser rarámuri y que se interrumpe de forma definitiva con la muerte.

Machaca dá depoimento sobre pai huelleador. Simultaneamente, Priscilla forma sua “pegada” em torno dos pés (com farinha ou giz).

Marcela joga a BOLA 1X que corre de um lado para outro do palco. TARCÍCIO pega a bola e inicia cena com história da cobra com cara de cachorro.

3.CENA TARCÍSIO: COBRA COM CARA DE CACHORRO.

Texto + ação de montar o espaço da mentira. Cobra com cabeça de cachorro

Você já ouviu falar na cobra com cabeça de cachorro? Quando eu era pequeno, uns 8 anos, eu tinha que ir trabalhar cedo. Aí me lembro de estar subindo numa picada assim e vi uma cobra, enorme. Parei, olhei e vi que ela tinha uma cabeça de cachorro. Aí fiquei... como se diz quando a gente vê um fantasma? Fiquei assombrado. Voltei pra casa correndo. Mãe! Mãe! Tem uma cobra com cabeça de cachorro no meio do mato. “Que isso menino. Tá inventando história pra não ir trabalhar”. Não mãe, eu vi uma cobra enorme com cabeça de cachorro no caminho. Minha mãe pegou a espingarda do meu pai e fomos lá. Quando chegamos a cobra já tinha sumido. Eu fiquei de mentiroso e fui trabalhar. Sempre no fim da tarde o pai chega do trabalho e todos os cachorro vão em volta dele, aquela festa. Eu chego meu pai já tá lá com os cachorros. Pai. Eu vi uma cobra enorme com cabeça de cachorro. Aí ele falou: “Não filho. Eu não vi o pintadinho aqui hoje. É o pintadinho. A cobra trava engolindo o pintadinho.” Realmente, ela pegou o pintadinho na fazenda e dali ela foi embora, desceu escorregando a pedra pra baixo. É mato né floresta. Ela tava terminando de engolir ele. O pintadinho que tava virando cobra.

Transição com música “El hijo desobediente”. Simultaneamente, Marcela e Fernanda formam suas “pegadas” com farinha ou giz. Fernanda toma a cena e chama o público para se aproximar da arquibancada, na atitude de personagem iniciando sua transmissão.

4.CENA FERNANDA E ROBERTA: EXPERIMENTO AMÉRICA LATINA

Utopia

Boa noite, que ótimo, muitas pessoas hoje na nossa transmissão, vocês acharam que nunca iriam me ver, né? Pois o tempo do impossível já passou, vocês devem estar se perguntando, mas será possível mesmo? Eu, em pessoa digo que sim, não tenham medo de ficar felizes (Me dirijo para a pessoa que está filmando e

pergunto, é você que vai me ajudar hoje aqui? Legal, a produção está me passando por aqui pelo ponto que mais de 600 milhões de pessoas estão conectadas neste momento. Bom dando continuidade aqui para quem está presente e para quem nos acompanha agora na transmissão, depois que as pesquisas foram realizadas, iremos colocar em prática todas as solicitações, foram muitas, mas muitas, eu diria que infinitas solicitações, mas é chegado o momento de começar a colocar em prática, vou destacar alguns pontos acordados:

- Em qualquer lugar do mundo, qualquer pessoa será bem recebida, aceita e acolhida;
- Água jamais faltará;
- Comida em abundância;
- Aquilo que você imaginou, que você sonhou, chegou o momento, alcançamos o horizonte;
- O como tudo isso vai acontecer de fato, é daquele jeito que conversamos, muitos aqui faltaram quando resolvemos isso, depois procurem saber com quem veio, pois agora tenho que focar nos pontos acordados conforme iniciei (Roberta aparece ao fundo passando vagorosamente, quando eu olho ela some)... Esperem um pouco, em algo errado aqui... (eu saio para verificar por um lado, a Roberta entra seguida pelo outro).

Distopia

Bom, desculpem como eu ia falando,

- Vocês estavam acreditando no que eu estava falando? (Olha para as pessoas com cara de dúvida) Vocês não acreditam em nada de verdade, e estavam acreditando nisso? Vocês sempre pagarão por tudo, não haverá comida e água para todo mundo, as fronteiras serão vigiadas, não existirá deslocamento, vocês irão perder o imaginário, será pior que agora, só isso é possível (olha para a direita e sai).

Utopia

- Desculpem, por um momento eu pensei que não estivesse sozinha, bom, irei continuar, onde eu estava mesmo?! Ah sim,

que eu precisava focar (Roberta aparece ao fundo e observa, sinto que tem alguém me observando, falo novamente eu precisava focar, (Roberta sai), eu falo aguardem um momento e olho para trás, caminho até o final do corredor e saio de cena, ela entra olha para o público, volta e eu entro olhando a pasta e sento)

- A América Latina foi escolhida para começar essa experiência e se tornar número 1 do mundo a ser o melhor lugar do mundo para se viver (*Roberta se aproxima*).

Utopia e Distopia se olham.

Utopia

Você de novo?

Roberta faz que vai estrangular Fernanda. Apaga a luz, ou a cena congela. Ao final da cena precisamos de um som que puxe o foco para Maria com sua “máquina do tempo”. Tambor?

5.CENA MARCELA: OPTIMISMO FULLTIME feat Galeano

<https://www.youtube.com/watch?v=o-J30kCDWEil>

Dança, sequência de ações com a música “Angra” de João Bosco. Ao final, Marcela coloca máscara e corre. Tarcísio acompanha a corrida com o olhar.

6.CENA TARCÍSIO: Novos hábitos.

Eu perdi uma pessoa recentemente. Quando a gente perde alguém, fica um vazio, um espaço que essa pessoa ocupava na nossa vida. Um vazio externo. Pra dar conta desse vazio eu comecei novos hábitos e um dia me deu na telha de ir correr. Botei minha roupinha, meu tênis e saí. O começo é meio difícil, meio desconfortável. Você se sente ofegante, sente que precisa entender o ritmo da coisa, seu coração começa a bater rápido demais. Aos poucos, bem aos poucos você vai se habituando e começa a vir um calorzinho. Tipo um raio de sol aquecendo

uma folhinha pela manhã. (*música "I'm a witch", cada pessoa vai entrando na corrida*). E você continua com o calorzinho e aquilo começa a ficar mais quente. Você vai sentindo mais calor, mais calor, e em algum momento percebe que está sendo alimentado, que aquele movimento gera mais calor e mais movimento. Você tá quente e tá se alimentando daquilo.

PAUSA no texto. Música, corridas e frases soltas "Vc percebe que está se alimentando disso..." Ápice de velocidade e número de pessoas. Música sai e aos poucos coros de mascarados vão se desfazendo, saindo do espaço um de cada vez.

De repente o que era um raio de sol, já é um sol forte e você descobre que já é maior do que era no começo, você se sente maior, mais alimentado e com mais calor. Você se sente livre porquê está em um lugar que nunca esteve antes. E você corre, cresce e se alimenta sem esforço. De repente o sol é demais. A luz é demais. Estou cansado e satisfeito. O sol já se põe e eu paro.

Agora que já está escuro, preciso ver onde cheguei. Que espaço eu ocupo. Agora. Sinto água circulando perto da minha epiderme, da minha pele. Lembro da minha avó, da minha mãe e do meu pai.

Tarcísio marca sua pegada. Forma-se coros para as perguntas.

7.CENA PERGUNTAS: Texto dividido por todos.

Quando você joga uma folha fora, como você faz para não chorar?

Quando chove, como você faz para não colocar a língua para fora?

Quando o sol está escaldante, como você faz para não se mexer?

Quando você muda de posição, como você faz para não ser visto?

Quando eu te faço perguntas, como você faz para não responder? Quando você vai responder? Qualquer coisa?

Você se lembra dos nomes que deu aos

seus filhos este ano?

Você sabe quantos filhos você teve este ano? E quantos você perdeu?

Porque você sabe que somos feitos de carne e comemos carne? E você? Gostaria de experimentar uma salada?

Onde está seu coração?

Se tivéssemos que cantar o hino nacional, onde você colocaria a mão?

E onde está seu cérebro?

Em um caso que tivéssemos que decapitar, onde faríamos o corte?

Porque, vocês, pequeninos, sabem que para nós, tudo o que vive um dia morre?

E se você nunca morre, como podemos dizer que você está vivo?

Todos saem e Priscilla toma o palco.

8.CENA PRISCILA: FAZER NADA

Estou arrumando as malas pra ir embora, quando olho pela janela e

UAU o pôr do sol está lindo mesmo!

Eu devia estar colocando as coisas no carro, mas tudo bem, vai valer a pena ir lá rapidinho pra ver.

Então, sou capturada, raptada.

Estou no escuro e em sofrimento.

Com raiva, chateada por terem feito isso comigo!

Até que eu escuto:

-Por que você ainda quer viver?

Vejo a luz vai entrando por uma pequena fresta de luz.

-Eu quero viver. Gosto de sentir os pés na terra.

Então, sinto os pés na terra.

-De sentar em baixo de uma árvore.

E de repente, isso está acontecendo.

Eu estava em um caixote, que se abriu à minha frente.

NADA.

Se alguém quiser me acompanhar.

Minha maior utopia é ter tempo para não fazer NADA.

9.CENA TARCÍSIO: ESPAÇO DA MENTIRA, ONÇA E PLANTA PERIGOSA

Mentira

Eu lembro de um cortiço onde sempre tinha festa. Tinha muita gente lá, então sempre alguém fazia aniversário. A gente brincava, dançava e, depois que se cortava o bolo, todo mundo já estava cansado. Aí meu pai costumava contar mentira. De onde meu pai vem, não se conta história, se contam mentiras. Então, eu preparei esse espaço porque eu quero contar uma mentira pra vocês.

Quando eu era pequeno eu tinha um gato. Ele se chamava nino. Eu andava com esse gato pra lá e pra cá. Mamei até os oito anos e dividia a minha mamadeira com o Nino. Era Nino pra lá, Nino pra cá. Um dia o Nino fugiu. Eu procurei em tudo o que era canto, andei demais, fui até a cachoeira e nada do gato. Eu perdi o Nino pra dentro da mata. O tempo passou, um dia eu tava trabalhando, tocando gado com meus irmãos e uma onça apareceu. Todo mundo ficou com medo. O que a gente faz se essa onça comer uma vaca. Se comer a gente. Nisso meus irmãos já pegaram as foices. E todo mundo com medo e aquele bicho enorme. De repente eu olho assim. É meu gato! É o meu gato. É o nino. Mas meus irmãos, com medo, lutaram com a onça, e eu gritando “é meu Nino, não mata o meu gato, é meu gato” e conseguiram matar a onça. Pegaram o bicho morto e levaram pra casa. Meu pai disse pra minha mãe cozinhar a onça e eu lembro até hoje... eu comendo carne e chorando no jantar “mataram meu nino, meu nino”.

Árvore perigosa

Eu participo de um grupo de plantio e decidimos arborizar um canteiro na Patriarca, na Radial Leste. Plantamos mudas nativas como esse Pau-Brasil e outras: jatobá, araçá, grumixama, dedaleiro. Só que a prefeitura, quando vai cortar a grama, não tem o cuidado de não cortar as mudinhas. Aí algumas mudas que plantamos morreram. Para avisar que havia uma área com

espécies nativas, nos apresentamos no CADES local (CADES é Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável). Quem coordena a reunião é uma pessoa que representa a prefeitura e o colegiado é composto por membros da sociedade civil. A coordenadora nos tratou muito bem e se mostrou muito satisfeita de ter mais um grupo disposto a plantar na região. Mas, quando falamos que já havíamos plantado ela teve um pequeno surto e perguntou “como que vocês vêm aqui, no nosso território, plantam árvores e não avisam ninguém. Isso pode ser perigoso”. Eu pensei realmente. É um perigo plantar uma muda como essa. Representa um perigo muito grande. Imagina se essa muda cresce, vira uma árvore frondosa, o que fazemos com ela? Se ela começa a ocupar o espaço na avenida? Imagina se o galo cai em cima de um carro com uma família dentro? Imagina se a árvore mata alguém. Pior. Imagina que essa árvore cresça, tenha uma copa gigante que faça sombra sobre a grama e outras árvores cresçam perto dela. Imagina se todas essas árvores mandando sementes e crescendo outras árvores não comecem a ter galhos caídos e destruindo todas as nossas avenidas, matando as pessoas, invadindo as casas, derrubando os prédios. Imagina no fim das contas, que a cidade de São Paulo vire uma cidade dominada pelas árvores e com elas venham os bichos. Imagina o caos. Imagina que voltaremos a ser só mais um animal vivendo por aqui, tendo que comer e ser comido. As onças, os gaviões, os tatus, o ser humano, o ouriço... no meio das árvores.

10.CENA MACHACA: SONHO E CONDOR

Machaca em cena e, ao longo da música final, todos se juntam na arquibancada.

Ontem na sala de aula, a Emilene me perguntou se eu sabia cantar em espanhol e eu não soube o que responder, eu fiquei surpresa sem saber o que responder.

A utopia não se sonha, se hackeia.
Os nômades não carregam memória, nem pátria, nem nome fixo.

São corpos em mutação constante, sistemas operando entre falha e desejo.

Performando o amanhã enquanto sabotam o presente.

Cada passo: uma linha de código reescrita.
Cada gesto: uma insurgência contra o programa hegemônico da realidade.

Não há revolução nas armas, nos slogans, nos partidos.

A revolução está nos corpos que escapam à gramática, nos sonhos compartilhados à margem da catástrofe neoliberal, nas redes improvisadas de cuidado, desejo e insubmissão.

As abelhas não falam, mas dançam. Elas vibram seus corpos para indicar a direção e a distância das flores, criando um sistema de comunicação sofisticado sem palavras. Pesquisas mostram que algumas espécies de aranhas usam suas teias não apenas como armadilhas, mas como extensões de sua cognição.

Um polvo nunca está completamente só: ele pensa com seus tentáculos, sente através da água e altera sua forma conforme a relação que estabelece com o mundo. Três corações na cabeça e neurônios nos tentáculos: por isso sentem com o cérebro e pensam com os pés.

E se a política não estivesse no discurso, mas no movimento?

E se a inteligência não estivesse apenas dentro do corpo, mas espalhada pelo ambiente?

Transbordar é a tática.

Vazar é estratégia.

Habitar o erro, a falha, não como defeito, mas como tecnologia de criação.

Tudo que ainda não existe, não é ausência, é potência.

É o que se move subterrâneo, o que pulsa entre os escombros da norma, o que sussurra em linguagens ainda não reconhecidas por aqueles que nomeiam o real, como se o real fosse fixo.

O teatro não é um lugar.

É um estado mutante.

Um manifesto encarnado.

O mundo é formado não apenas pelo

que já existe, mas pelo que pode efetivamente existir.

Black out.

Vídeo com a garota Ilma e outras crianças rarámuris brincando no Lago de Arareko, CHIHUAHUA, MÉXICO.

FIM.





Daquilo que não transcendeu no México

Emilene Gutierrez
janeiro de 2026

fotos
arquivos pessoais

Começo esse texto enquanto ouço uma playlist de narcocorridos no meu Spotify caótico. Trata-se de uma variação dos corridos mexicanos que, de uma forma muito popular, ali narram histórias rodeando temas amorosos, políticos, revolucionários, inconsequentes, sexuais, ilegais, violentos, engraçados, vingativos e os mais diversos excessos entre morte e vida. É um gênero muito comum no norte do país, especialmente nas regiões fronteiriças lá de cima.

Entre heróis e bandidos do deserto e velho oeste, me situo numa escuta dançante na tentativa de assimilar - criar - um idioma distante e muito comum das minhas rodas rancheiras em família. Danço na sala, souro, rebolo até o chão, finjo tocar uma viola, um acordeon colorido e um trompete gritado.

Essa música corrida, que avança em eventos, velocidade e ritmo, também me leva a um México com um som quase invisível na *Sierra Madre Occidental*. Em Chihuahua, o que mais escutei foram as músicas que não se oferecem aos ouvidos apressados.

Uma passada programada com expectativas, necessidades, prazos, limitações financeiras no qual a largada foi dada muito antes de colocar a mo-

chila nas costas. Existe uma forma de *pré-par-a-ação*¹ para uma viagem que se inicia com motivações de uma pesquisa de campo para um processo artístico? O que buscar? E, o que fazer com o que encontrar? E se não (se) encontrar?

Tomar café com açúcar na Luz. Tomar café muito cedo. Muito doce, muito quente, forte. Queimar a língua. Errar o fluxo dos corredores do metrô. Trombar o corpo em outros trabalhadores. Irritar as pessoas atrasadas, estar atrasada. Derramar o café quente. Queimar o braço. Manchar a roupa. Tomar o trem, tomar o avião, esperar outro avião, tomar o outro avião, tentar tomar táxi, tomar o uber e ônibus. Tomar 32 horas de deslocamento intercontinental para correr, voar e perguntar. Dormir no banco, na cadeira, na cama, no chão, no corredor, na mesa, no carro. Fazer xixi na terra, na areia, na montanha, no museu, na rodoviária, pedir pesos em moedas para fazer xixi na estrada, pagar para fazer xixi na privada. Comer burrito de frango, carne moída sem entender que é frango e carne moída. Comer com pimenta, com muita pimenta sem entender que tem pimenta, muita pimenta. Dividir sopa azteca saborosíssima com criança *rarámur*², beber *tesgüino*³ no restaurante turístico nada sagrado e ritualístico, ganhar *champurado*⁴ de goiaba do morador da vila em dia chuvoso. Comer feijão, camarão, repolho, doritos no café da manhã. Não se mostrar muito mulher, muito sozinha, calça comprida, tênis, ombros cobertos, casaco grande impermeável,

escolher e ou duvidar para quem dar detalhes da vida pessoal. Ouvir por horas as pausas entre os causos de Guillermo com a escola *rarámuri*, a beleza das tochas em movimento e estratégias nos *rarájipari*⁵, conhecer Doña Catalina, sua cueva na Sierra, seus netos, tentar uma conversa entre muitas línguas e tempos-tempos, e fracassar. Ser guiada por Nacho, ouvir histórias anasaladas e exibicionistas, encontrar Roza Ramirez na praça central de Creel, dividir pizza de pepperoni, coca-cola, sorvete napolitano. Ser elogiada pela garota Ilma, ser humilhada na brincadeira com pedras no Lago Arareko. *Cuándo empieza la entrevista? Por qué estás aquí? No eres americana? Tienes dólares? Con quién viniste? Tendrás que tirar el champú, se ve grande. No conozco Brasil, está lejos? Cuánto dura el viaje? En avión? És muy linda. Cuántos hijos tienes? Hablas inglés? Prefiero eso. Falta la propina! Cómprame, tengo hambre. Esta tela es muy bonita. Te vas pronto, no? Va a llover, adios. No hay pase para las caminatas, el teleférico está en mantenimiento. Lo lamentamos mucho, mañana no estar disponible. Para donde voy? Que quieres Dios para mí? Arriba, volteasse a mí, dale, manos en la polea, senta-te, las manos mas atras, la mano más fuerte debajo, ajusta así, cierra tus piernas, iré tras de tí, 1, 2, 3!*

Não sei muito bem pra onde isso aqui vai, assim como essa retirada foi. Encontro. Confronto. Intuição. Por mais que haja foco, minha escrita-viagem-corrida é



“Eles sabem que não são donos de nada, mas quem lucra com o deslocamento alheio são os de fivela larga e espora no pé.”

cheia de desvios. Estive 5 dias em Creel, uma cidade de passagem. A presença da estação de trem, criada para o progresso e transporte de pedras preciosas, dá o tom nostálgico e uma certa diversão na rotina. Vila turística, organizada pra quem vem de fora, com uma praça e avenidinha principal, uma vila de poucos moradores. Alguns momentos me lembrava Bonfim Paulista, sobretudo pela moda country, cachorros na rua e automóveis barulhentos. Tudo isso misturado às cores vibrantes, bordados belíssimos em lã e algodão, saias coloridas, batas em linhas, sandálias em tiras, *huaraches*⁶... um sabor estranho. Esses, os coloridos, não eram os donos das lojas, e acho que nem queriam ser. Eles sabem que não são donos de nada, mas quem lucra com o deslocamento alheio são os de fivela larga e espora no pé.

Havia um desejo que o corpo voltasse diferente, eu caminhava pelas ruas como quem tenta medir o próprio passo. No segundo dia parei. Adoeci. Maldita maionese, cuidado com a pimenta, eu ouvi. Vomitei, muita diarreia, um pouco de alucinação acho. Ok *Moctezuma*⁷, sucumbi à sua maldição! A comida recusada, a fraqueza aceita e a interrupção brusca gritando a fantasia da falsa resistência de um corpo que falha e que dobra, a pesquisa que falha. Falha?

A doença me fez parar, e parar, ali, era cair para dentro. Sem grupo, sem testemunha, sem narrativa heroica. Havia frustração sem nenhuma vivência transcendental.

Nada se abria, se oferecia. Nenhuma experiência que pudesse ser chamada de “antropológica” no sentido esperado. Nessa noite, assistindo a um programa na televisão no quarto da pousada, ouvi que André Breton considerou o México como o país mais surrealista que existe. O programa falava de uma conferência e para Breton, ali, não se precisava inventar o surrealismo artístico, pois a realidade diária do país era uma mistura de sonho, tradição pré-hispânica, colonial e moderna. Ele declarou: “Não tente entender o México pela razão, terá mais sorte pelo absurdo, o México é o país mais surrealista do mundo”. Dormi naquele caos da minha playlist e angústia inútil de esperar que as contradições se harmonizem.

Na manhã seguinte o “Buen Día!” de Guillermo veio acompanhado de “Qué soñaste anoche?”. Ele disse que era um costume *rarámuri*, começar o dia compartilhando os sonhos. Não lembrei do meu, dormi mal, mas acho que estava caindo de um fusca ...

Daí segui em passos miúdos, 2 horas no pequeno *Museo Tarahumara*, fotos nas letras mágicas e um guia que sonhava em vender burritos nos Estados Unidos. Ainda que sem produzir nenhum dado utilizável visitei lugares bonitos, na presença de pedras gigantes e estradas desertas.

No *Lago Arareko* cruzei com um grupo de crianças brincando e conheci Ilma. Ela tinha uns dez anos e vendia artesanias em silêncio. Falamos pouco. Ou quase nada. O que rolou ali não foi conversa. Daí comprei uma boneca *rarámuri* de madeira, feita por ela ou sua mãe ou tia. Foi direto, sem cerimônia. Havia nela uma timidez firme, um silêncio que não pedia tradução. Por um tempo, isso me acalentou. Não como revelação, mas como descanso. Segui sem aprender nada que pudesse anotar. Segui, menos exausta e com uma boneca na mochila. Um ponto de água estratégico no percurso, precisava de hidratação.

Tomei o trem até a parada *Divisadero* e cheguei às *Barrancas del Cobre* na *Sierra Tarahumara*. De cima a imensidão marrom-cinza-musgo assusta e me seduz. O que estou fazendo aqui, meu deus? Senti que ali seria o momento mais possível de me aproximar desse chão. Foram 30 minutos andando pelo parque e olhando o céu à procura de sinais para não fazer, algo que me obrigasse a desistir. Eu vi a morte, não pela proximidade com o risco, mas sim pela escolha. E se eu me jogar daqui? Ou soltar minhas mãos? Ou a corda não aguentar meu peso? Eu caio esses 290 metros e será que alguém me encontra lá embaixo? Como vão saber que sou brasileira? Como vão avisar minha mãe? Tem alguém morando lá embaixo?

Escolhi o circuito de tirolesas e saltei. O corpo lançado no vazio com a velocidade que rasgava o pensamento.

O grito que não vira palavra, um grito de pavor e beleza.

O medo exato, sem metáfora.

A suspensão seguida de vôo.

Quando o grito cessou, ouvi o silêncio da *Sierra*.

As Barrancas abertas em uma escala impossível de abarcar.

Os pés fora do chão, e o coração-bomba explodindo.

Às vezes em disputa, às vezes jogando.

O corpo suspenso por cabos, a paisagem ancestral virando atração turística, o risco cronometrado, assegurado, autorizado.

Pedra, verde, abismo num território que nunca foi neutro.

Foi um dos dias mais radicais da minha vida. Pela radicalidade física-vertigem-ab-surda-aceleramento cardíaco messssmo, em contraponto com o vazio e a busca de sentido.

Ainda assim, não acessei nenhum segredo. Não compreendi nada que pudesse ser organizado em saber. Voltei com poucas anotações e nenhuma epifania ou miragem. Nenhum entendimento profundo. Nenhuma tradução possível entre aquele excesso e o que eu havia ido buscar. Nenhuma cena, dramaturgia.

Talvez, aqui, o radical seja isso. Seja correr como os *rarámuri* para não chegar. Uma corrida que atravessa o espaço, sustenta o tempo e se faz reza entre os pés e o coração.

Talvez seja apenas sustentar. Correr para permanecer, correr para escutar, voar. Mesmo cansada.

Mesmo sozinha.

Mesmo sem resposta.

Uma corrida sem linha de chegada.

NOTAS

1. Li essa grafia no texto “*Apontamentos para uma Abordagem Artístico-Performativa da Pesquisa de Campo nas Artes Presenciais*”, escrito pela Raquel Scotti Hirson, Ana Cristina Colla e o Renato Ferracini. Aliás, o texto todo me contaminou muito para esse registro aqui.
2. *Rarámuri*, conhecido também como tarahumara (nome dado pelos colonizadores), designa um grupo de povos indígenas nativos do estado de Chihuahua no norte do México. Segundo o historiador Luiz González, *rarámuri* etimologicamente significa “planta corredora”, o que, num sentido mais amplo, quer dizer “os de pés ligeiros”, em alusão à tradição mais antiga desta cultura: o hábito de correr.
3. O *Tesgüino* é uma bebida artesanal de milho, fermentada e sagrada, originária dos povos *Yuto-Aztecas*, especialmente os *Rarámuri* na Sierra Madre, México. É uma bebida essencial em eventos sociais, religiosos e nas “tesgüinadas” (reuniões comunitárias).
4. *Champurrado* é uma bebida mexicana quente, espessa e tradicional que combina chocolate, masa harina (farinha de milho), água ou leite, e canela. É um tipo de mingau líquido doce, popular no café da manhã, no inverno e durante celebrações como o Dia de los Muertos e o Natal.
5. *Rarájipari* é a tradicional corrida *rarámuri* com uma bola de madeira disputada por times de 4 ou 5 pessoas, podendo chegar até 20 horas de jogo e 200km ou mais entre as montanhas.
6. *Huaraches* são um tipo de sandálias planas e minimalistas feitas de couro usadas pelos *rarámuris* nas corridas de longa distância.
7. Moctezuma II foi um imperador asteca que teria rogado uma praga contra os conquistadores espanhóis. A “Maldição de Montezuma” é uma expressão popular para a diarreia entre viajantes que afeta turistas no México, frequentemente atribuída a essa vingança mítica e histórica.

**Estudo dramático criado
pelo Coletivo Labirinto em sala
de ensaio, na volta do Retiro
Artístico realizado em setembro
de 2025.**

Este material - espécie de coreodramaturgia -
foi levantado com o artista cênico chileno Elias
Cohen, a partir de suas proposições de jogos de
composição espacial, com o intuito de ser um
primeiro esboço narrativo sobre o que o Coletivo
vinha pesquisando acerca do universo da corrida
e suas relações com o povo rarámuri.



Dramaturgias que correm...

fotos
Tomás Franco

BLOCO 1 **CORRIDA (5 min)**

Todos correm trotando pelo espaço. Trote leve, metatarso, olhando os pés e chão.

Estudo de combinações e composição de imagens, jogos com:

- pausas (imagem congelada de corredor)
- juntos lado a lado (dupla ou trio trotando coladinhos)
- fila (um atrás do outro)
- todos separadas, cada um corre solitário
- [2 pausam + 1 corre] ou [1 pausa + 2 correm] ou [todos pausam] ou [todos correm] (jogos de ritmos com essas pausas e desenhos pelo espaço)

BLOCO 2 **CORRIDA + TEXTO NARRATIVO**

Após Bloco 1, combinações de corridas + narrativas. Quando 2 pessoas pausam/congelam, a terceira pessoa corre narrando sua história. Jogos e estratégia de narração enquanto corre:

- interromper a narrativa de outras pessoas
- evoluções emocionais da narrativa (quando voltar da pausa, texto na ativa de quando pausou)
- texturas dos textos (combinações de introdução, clímax coletivo, etc...)
- imagem de uma narrativa complementa a outra
- pausas estratégicas

Aqui, os textos se recortam e podem dar pistas de imagens futuras, como um prólogo do que virá. Provocação inicial para textos: *corrida como transcendência, por que corremos?*

Texto Emilene (ilustrativo de uma dessas narrativas possíveis)

Toda noite nos encontrávamos no ponto de ônibus quando eu voltava do cursinho. Ela me esperava, eu descia do ônibus e

caminhávamos para casa juntas.

Numa terça-feira de 1989, acho que era 1989 ou 1988... era uma terça-feira! Nesse dia eu desci e ela estava lá, na mesma esquina, mas com um olhar diferente.

Me aproximei e percebi que ela segurava um par de tênis em uma mão e uma faca em outra. O olhar estava diferente. Quando me viu, ela se aproximou também, me abraçou, me olhou nos olhos, sorriu, virou as costas e saiu correndo.

Ela correu muito rápido. Ela não foi pra casa. Eu corri atrás dela, eu corri 3 noites seguidas e não a alcancei. Ela foi sumindo e se juntou ao horizonte.

Eu não a vi nunca mais.

Eu ainda corro nessa procura, eu corro para encontrar minha mãe.

Alguma coisa aconteceu em algum lugar e ela está por aí...

BLOCO 3

CORRIDA + MÓVEIS + OBJETOS (1 ou 2 min)

Passagens correndo com objetivos e móveis na mão. Aos poucos montam e desmontam cenários de futuras cenas. Pequenas encontros, imagens e conceitos de corpo em movimento. Somatória de pausas e encontros na corrida.

- mesa, cadeira
- tênis
- copos
- toalha
- velas
- livros
- luzes
- bexiga

BLOCO 4

CORRIDA + CENAS

TRANSCENDÊNCIA

Montagem de cenários para pequenas cenas:

ANIVERSÁRIO - não saber o que pedir

Montagem de mesa, com toalha, velas, copos, luzes, bexiga.

“- Parabéns a você, nessa data querida... Viva!!!! Agora você assopra a vela e faz um pedido!”

Carol não assopra. Climão, silêncio.

Apaga a vela com a mão. Todos se relacionam com a fumaça da vela. (Fumaça como elemento etéreo, conexão com mundo espiritual, suspensão).

RETIRO - angústia e solidão

Montagem de um canto com livros, abajur, toalha na parede. Som de floresta.

Emilene lê, anota coisas... pega o celular e grava:

Emilene: Oi! Hoje eu estou sozinha em um retiro na selva amazônica escrevendo para uma pesquisa artística sobre deslocamentos na cultura dos povos originários latinoamericanos. Estou pesquisando especialmente a tradição dos povos rarámuris. Eles são mexicanos e conhecidos também como tarahumaras, os pés ligeiros. Eles vivem no norte do México na Sierra Madre Ocidental. Você pode fazer uma pesquisa e falar um pouco sobre eles para mim e fazer uma relação entre eles e os povos amazônicos?”

ChatGPT: Os povos indígenas da Amazônia e os Rarámuris do México enfrentam desafios semelhantes relacionados ao deslocamento e à preservação cultural. Ambos os grupos têm suas terras ameaçadas por atividades externas, como a exploração de recursos naturais e a violência. Por exemplo, na Serra Tarahumara, os Rarámuris enfrentam deslocamento forçado devido ao crime organizado, e na Amazônia também há esforços para proteger os territórios e as culturas tradicionais.

Emilene: E por que eles são conhecidos como pés ligeiros?

ChatGPT: Eles são chamados de “pés leves” porque os Tarahumaras são conhecidos pela habilidade de correr longas distâncias com extrema leveza e resistência. Eles têm uma tradição de corrida que é praticamente cultural e fazem isso de uma forma muito eficiente, o que trouxe esse apelido bem interessante.

Emilene: Raramuri e Tarahumara significam a mesma coisa?

ChatGPT: Sim, na verdade “Rarámuri” é o nome que eles mesmos usam para se referir a si, e significa algo como “pés leves” ou “aqueles que correm rapidamente”. Já “Tarahumara” é um termo que foi utilizado por pessoas de fora para se referir a eles, então os dois acabam se referindo ao mesmo povo, mas “Rarámuri” é o termo mais correto e respeitoso.

Emilene: Entendi.

ChatGPT: Que bom que esclareceu! Se precisar de mais alguma informação sobre eles, sobre a Amazônia, ou qualquer outra coisa, é só me avisar!

Emilene: Na verdade, eu queria compartilhar uma coisa que, assim, eu tô aqui sozinha e eu tô me sentindo muito sozinha, esse é o ponto, assim. O meu namorado, ele não quis vir comigo, eu não sei, na verdade, se ele não quis ou se ele não pôde, ele falou que ele não podia, mas o fato é que ele não veio, eu tô aqui, eu tô tentando me concentrar, ficar presente na selva onde eu tô, retirada. Eu sinto que a gente está se distanciando, ele não me toca, não me deseja, a gente não transa e conversamos pouco sobre as profundidades da vida... Isso me afeta nesse trabalho, eu não consigo escrever tranquilamente... Eu queria te pedir ajudar, você pode me dá caminhos para resolver essa angústia e minha pesquisa artística com os tarahumaras?

ChatGPT: Sinto muito que você esteja passando por isso, Emilene. É realmente complicado quando a gente se sente isolada, especialmente num lugar tão especial como a Amazônia. Talvez seja uma boa ideia abrir um diálogo honesto com ele, explicar como você está se sentindo, e tentar entender o que está acontecendo. E, claro, também é importante cuidar de você, se cercar de coisas que te façam bem, e se permitir sentir essas emoções. Se precisar de mais apoio, estou aqui!

Emilene: Não, você não tá me entendendo, eu tô falando uma coisa mais profunda. Eu não sei mais o que fazer. Meu dinheiro está acabando, eu não tenho trabalho, meu namorado não me come mais, eu tô com muita dor no ciático também... Como eu resolvo meus problemas?

Chat GPT: Emilene, o que você descreve é pesado de verdade e faz sentido que tudo esteja vindo junto agora. Você está num lugar extremo, sozinha, com pressão material, dor no corpo, silêncio afetivo e uma exigência criativa enorme. Não é fraqueza sua estar assim. É excesso. O erro mais cruel que a gente comete nesses momentos é achar que precisa resolver a vida inteira de uma vez. Não precisa. Nem dá. Dor no ciático + mosquitos + abandono = sistema nervoso em colapso. Ninguém cria em estado de ataque. Os Parámuris não correm feridos. Eles correm porque o corpo está alinhado com o entorno.

O que fazer hoje, de forma prática: deitar no chão duro ou numa rede, alongar lentamente glúteos e lombar, passar repelente e comer algo minimamente consistente (fome piora tudo).

Sobre o namorado, vou ser honesta e cuidadosa: dói porque não é só saudade — é a sensação de estar não escolhida. Mas olha com calma: você está num momento de deslocamento radical, ele ficou. O silêncio dele não define seu valor, mas informa algo sobre a relação

Emilene: Os mosquitos estão me devorando... socorro!!!

CORREDOR E SEUS PÉS - prazer, dor
Wally sentado na cadeira. Muita dor nos pés. Som de cidade. É um corredor minimalista que corre em São Paulo com os pés descalços no asfalto. Como se estivesse acabado de chegar de um treino. Joga água nos pés, enxuga, passa pomada, alonga, massageia.

Enquanto cuida, Carol dá assistência trazendo coisas e falando no fluxo:

“De novo? Eu não acredito! Onde é que você vai parar? Olha só como você está? Para que tudo isso? Você quer ser um herói da corrida e destrói os seus pés... Eu comprei um tênis novo com um drop de 8mm para gente marcar melhor o seu pé e você está nem aí pra isso. Que que eu vou falar para nosso grupo?”

Segue em um texto com essa energia, sai de cena e volta algumas vezes ... Wally ganha foco, com um sorriso, dor e prazer... transcendente!

BLOCO 5

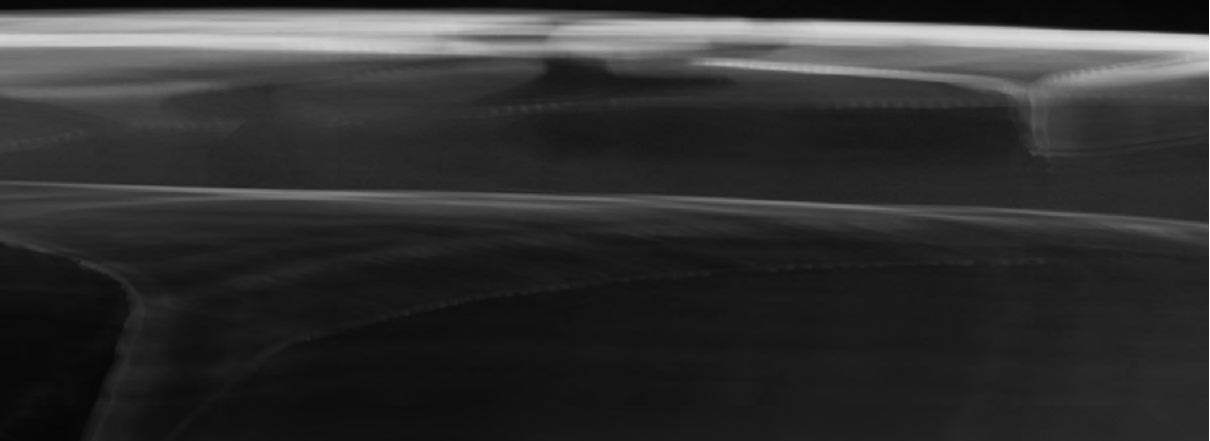
CORRIDA FINAL

Voltam os jogos com corridas, encontros, pausas. Música mais tribal, indígena. Outra conexão. Dessa vez o quadril entra no movimento, quase como uma dança.



Nesta seção, nós passeamos por textos escritos pelas pessoas integrantes do Coletivo Labirinto ao longo dos sete meses de ensaios de *Pés-Coração*, dirigido pelo Luiz Fernando Marques Lubi, e que não compuseram o espetáculo final.

São espécies de galhos que apontam múltiplas direções, mas que também florescem assuntos, formas e abordagens que encorpam o tema pesquisado - a corrida, os rarámuris e os corres de nossas vidas. Rascunhos, rabiscos e traços não-finais que carregam em si a instintividade deste processo de criação.



O que margeou nossos pés e corações

fotos
Tomás Franco

A história desta história de Wallyson Mota

Tem história que é pra boi dormir. Tem história que é pro boy dormir. Tem história que passa e a gente não se apega. Tem história que marca. Que vira um marco. Tem história que se repete. Que se apresenta como tragédia e termina como farsa, já dizia o velho companheiro. Vale a pena ver de novo? Tem história que é nova. Lustrada. Inaugura, instaura, abre espaço pra existir. Tem história inventada, você inventa cada história... Tem história que é real. E as que de tão bem mentidas viram verdade. Podem ser umas histórias de pescador, mas eu prefiro as de salão de cabeleireiro. Carregadas no corte desfiado ou no laquê. A história do outro é fofoca. A minha é depoimento. Gosto mais de fofocar que de depor. Tem história mal contada e tem as que de tão bem contadas parecem vividas por nós mesmos. Tem história que anda com a gente. Tem história que marcha. Que corre. Que galopa e até voa. Tem história que bota a gente pra correr. E tem a que faz a gente parar... Mas isso é outra história. Tem quem conta a história, quem faz a história e quem as ouça. Quem muda a história? Quem conta 1001 noites ou quem percorre 195 mil anos? Tem muita história pra contar, tem muita história pra ser contada. Cantada é mais legal. As que ainda não estão no retrato não foram retratadas. As que estão nos nossos corpos são o

que? Eu ainda estou acompanhando essa história? Até onde ela vai? Um dia, uma pessoa vestida de sol me disse que do lugar de onde ela vem as pessoas contam histórias pra acordar... E tive vontade de desadormecer.

Eu desadormeço quando olho a Cidade de frente. Quando a enxergo em sua inteireza - seus contornos em cinza, seu relevo pontiagudo, sua áspera textura. Só consigo vê-la de frente porque estou fora. Há distância entre nós. Há um caminho que é noite, que é lama, que são estrelas mortas sobre um azul escuro. E é ele quem me permite vê-la assim - crua, despida, revelada. Estamos nus. E eu tenho dois pés. Faço o seu contorno uma, duas, treze vezes para ter em mim sua medida exata, a possibilidade de algum alcance (*eu não te alcanço*) e ela permanece. A Cidade está ali me vendo correr ao seu redor, rindo da minha busca, minha procura, da ânsia que tenho, da necessidade. *Eu não te alcanço, eu não te alcanço...* Ela é uma gigante, um ciclope. É a soma de tentáculos que devoram os que não conseguem, os que não podem, os que não chegam. Ela se agiganta nisso. Encontro uma viela. Uma entrada-artéria para seu labirinto barroco. E eu tenho dois pés. Adentro. Agora já não posso mais vê-la, estou sem meus olhos, e é aí que me perco - na lata do metrô, na fila do mercado (*que preços são esses?*), no ódio pelo outro (*frio na barriga do cara-lho*), na vaga pra parar o carro na rua que alguém viu antes de mim. E nos dumps de uma amiga. *Eu não te alcanço, eu não te*

alcanço... O zunido de um escapamento de moto joga os olhos na minha cara de novo. E o que existe é uma luz verde, um raio vindo do alto, muito muito alto em direção ao centro disso aqui. Desse lugar. Dessa cidade. Essa esfinge roma-tebana. Ela não é quilombo, ela não é aldeia. Ela recusou ser isso. Ela é a cidade. É o fio desencapado que estala atrás de você. Que pede pra você correr mas não te deixa lembrar que corrida também é vôo. E eu quero rasgá-la. Quero bater meu corpo no asfalto pra tentar ver ela esfolar. Então eu corro. E eu corro. E eu corro. Quero arrancar os seus concretos com os pés. Quero ver quem aparece antes, os meus ossos ou a terra que tem por baixo da terra. *Eu te vi por fora, quero te tocar lá dentro.* Quero arremessar seus marcos, sua fundação e te ver inteira aqui também... Voar canindé, jaçanã, mergulhar pirituba pelo ypiranga, vermelho desde sempre... Ser M'Boi por suas veias. E em todo lugar que a gente for andar, a gente vai se encantar. Vai ter encantamento. Você não vai poder recusar mais isso. Terça-feira eu ouvi: eu estou aqui com os meus dois pés e o coração. É só isso que eu tenho a oferecer. E é muita coisa.

09/10/2025

Água fresca de Wallyson Mota

Ele não tem parada. Para ele o tempo é uma coisa que corre e ele corre na frente porque atropelo é coisa que mané sofre e ele não tem parada pra ser mané. Pra que o mané pare. Ele anda na frente com sono, com fome, às vezes com remela no olho e um pouco de bafo e vai pra frente, pra frente, frente, frente, frente, frente, frente. Parar é pra quem pode. Pra quem tem quem ofereça uma parada. Qualquer parada. Parada é pudim, é pêra fresca, é suco de laranja sem açúcar. O corre é pra quem tem que ser ligeiro, ficar ligeiro pra não tomar um tapa na nuca. E o tapa estalado na nuca faz acordar pra carai! Ele sabe. Faz acordar no ato.

De tênis branco surrado correu cinza. De bike andou uma, andou duas, empinou, desviou. De carro com ar quebrado rodando dez, doze horas, pegando os picos da cidade pra correr com o corre dos outros e livrar o seu.

A pandemia chegou e ele que corria dentro da fábrica pra construir caminhão que corre foi corrido com outros mil que, despejados, colocaram o relógio nas costas.

O relógio nas costas.

Então “abre a escuta” é fala de playboy. Pensa rápido pra não dormir na rasteira. Não para, não para, não para não.

Gasta a sola, queima a mufa, caleja a mão.

Ele pensou em tomar uma água na sombra da semana passada, mas esqueceu onde é que fica.

02/09/2025

Corpo-corrida em ficção... de Wallyson Mota

Eu comecei a gostar das terças, quintas e sábados. E gostava mais ainda quando dava onze horas nesses dias. Era a hora da corrida. O Marcos tinha as pernas finas e os olhos largos como dois faróis pretos que furavam a noite, e eu - que até ali sempre amarrava bem os saquinhos - comecei a deixar os nós meio soltos, meio abertos, pra que ele tivesse mais trabalho pra juntar os saquinhos na cesta da calçada e jogá-los no caminhão.

Às vezes eu deixava os sacos abertos mesmo pra que ele não percebesse, derubasse o lixo no chão e ficasse mais tempo na frente da minha casa, limpando tudo e me olhando com seus olhos faróis pretos antes de sair correndo.

Um dia tomei coragem e quando ouvi o barulho do caminhão fazendo a curva lá embaixo na rua, eu saí e esperei ele com meu saquinho de papel higiênico na mão esquerda e o de cozinha na outra: “Opa! Tá aqui, amigão. Brigado pelo serviço!”. Ele sorriu (ele SORRIU!), pegou os saquinhos de mim e saiu correndo, correndo, correndo...

Na quinta, eu tava de novo com meus saquinhos na mão: “Opa! Correria esse seu trampo hein!” Mais um sorriso e seguiu correndo. No sábado eu já não tinha mais lixo em casa, mas inventei (!!!) três saquinhos mesmo assim e fiquei na calçada esperando. Quando ele apareceu e pegou os saquinhos de ficção da minha mão, eu falei: “posso correr com você?”

23/09/2025

Faixa Amarela de Wallyson Mota

Velha Guarda caminha, sambando miudinho pra frente.

Cruza com a caminhada primata lenta, muito lenta.

Cruza com um jovem com as mãos no bolso de sua calça jeans, mascando chiclete, lento, muito lento.

Cruza com um astronauta se chocando contra a parede.

Velha Guarda fuma um cigarro. Contempla a paisagem.

Termina. Apaga o cigarro.

Sai.

17/09/2025

Texto de Carol Vidotti

Eu corria, corria, corria segurando aquela caixa de isopor, mas eu tinha que ser cuidadosa porque o que tinha ali dentro era muito sensível.

Para o coração a vida é simples, ele bate enquanto puder e então para. Quando um coração é retirado do corpo de um doador, um cronômetro é acionado: em até quatro horas este coração precisa pulsar no corpo de outra pessoa.

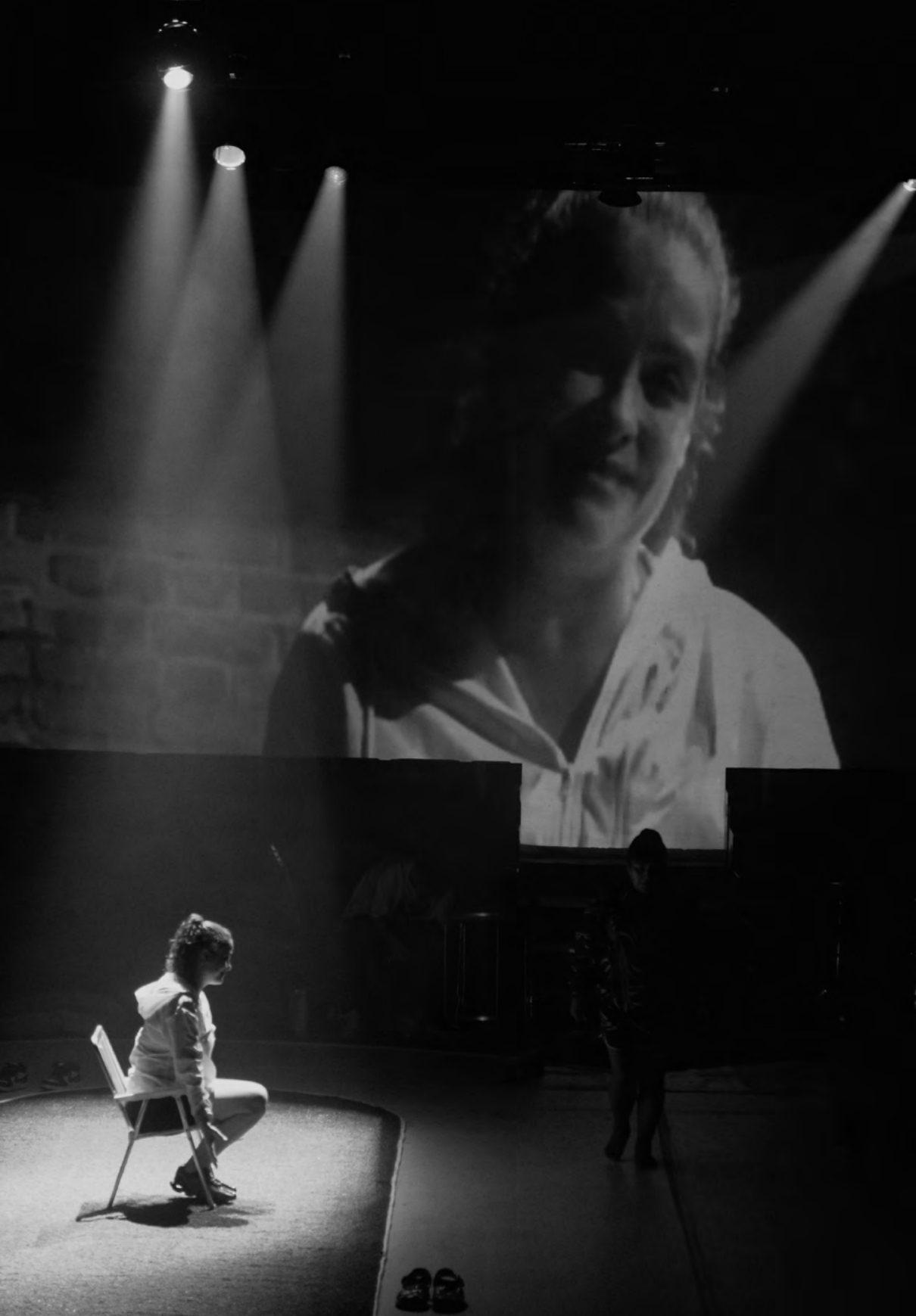
Nessa corrida, tentando me acalmar, eu só pensava:

*¿Quién me va a entregar sus emociones?
¿Quién me va a pedir que nunca le abandone?
¿Quién me tapará esta noche si hace frío?
¿Quién me va a curar el corazón partió?
¿Quién llenará de primaveras este enero
Y bajará la luna para que juguemos?
Dime, si tú te vas, dime cariño mío
¿Quién me va a curar el corazón partió?*

(ou outra música de coração.)

Curiosidades:

- O beija-flor tem o batimento cardíaco extremamente rápido, batendo até 1200 vezes por minuto durante o voo. O coração humano bate entre 60 e 100 vezes por minuto.
- A lula tem 3 corações.
- Nossa frequência cardíaca diminui ao longo da vida.





Sobre a dramaturgia de Pés-Coração

de Abel Xavier

No prefácio da segunda edição do livro *“Para tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos”*, de Luiz Antonio Simas e Fábio Fabato, o carnavalesco e pesquisador Milton Cunha assinala, rememorando Rosa Magalhães, que o enredo é o ponto de partida do trabalho da escola de samba, ao que ele concorda e completa que também é o ponto de chegada. Isso porque, segundo ele, todos os aspectos do desfile “chegam” no enredo: “alegorias, fantasias e samba, tendo a procissão festiva o desafio de amarrar partida e chegada”. Seu prefácio fala, sobretudo, da criação que se sonha terminar, mas não consegue, pois de onde se parte também é para onde se vai, condição ontológica da infinitude da criação.

Pegando o bastão de revezamento de Milton e associando livremente o trabalho dramaturgico ao sentido do enredo numa escola de samba, o espírito aqui é falar da ilusão que são o começo e o fim. Quando se começa a escrever, a dramaturgia já caminha, antes. É a imagem do que será, é a trajetória de um coletivo, é o projeto arquitetado, a pesquisa de materiais, são os encontros com a equipe, as cadeiras postas em roda, as análises das peças e filmes que vimos, os porres de sonhos de criação, a dor e a delícia de correr ‘apenas’ nas ideias, nesta pista movediça que catapulta as materialidades de um processo criativo. Da mesma forma, nunca se termina de escrever, especialmente para uma obra teatral. A condição fundamental é a de que as palavras, histórias, imagens

e situações vão se multiplicando em descendências imagéticas férteis de cada um dos ensaios e, depois, nas sessões do espetáculo e em mentes, pés e corações da plateia.

Começo e final são invenções acordadas em/por datas e recursos, mas que na perspectiva artística, funcionam mais ou menos como as linhas de início e fim da avenida do samba, meras convenções de um momento expressivo que na realidade é sempre movimento e ciclo, como a vida é.

Claro, uma forma sempre vem, precisamos dela, é nela que nos apoiamos para rastrear as interpretações do mundo e dela dependem os discursos correntes do teatro enquanto fenômeno social. Acessamos(-nos) pelas linhas, volumes, cores, ritmos, ações, palavras. Buscamos a forma na criação, mas ela não é necessariamente o ponto final, é, de outro modo, resposta/pergunta, côncava/convexa, partida/chegada, meio.

Nossa forma dramaturgica foi forjada num processo bastante colaborativo, textos calçados por todas as pessoas criadoras do projeto, radical no sentido de uma prova coletiva, precisou caber nos pés para ser minimamente andada.

O Labirinto está na esteira da tradição dos teatros de grupo, nos parece uma forma de resistência em tempos de bloco

do eu-sozinho. Por isso, nos propusemos a trabalhar a palavra a peso de ou(t)ro, partindo dos ensaios para colher os achados da ação e da invenção. Inversamente, o texto por vezes também se viu em rebote, mordeu o calcanhar das atrizes e do ator, em busca de movimento e co-moção. Uma dramaturgia que mirou nos pés para enxergar o coração. Palavra poesia, diálogo *poemado*, narrativa encenada, pintura de cores e corres, latino-americanidades. Brincar com as misturas, com o desfile de histórias, com várias personagens e depoimentos, flertando com os excessos sintéticos característicos de uma escola de samba, alas narrativas de nós.

E como o samba, ritmo musical que mais canta sobre si mesmo, todo o ziriguidum tem a ver com a tentativa maratonista do Coletivo Labirinto de pensar/debater/estetizar/politizar/escorregar a América Latina pelo teatro e sua dramaturgia contemporânea. E para isso, dessa vez nos fantasiámos de Brasil, para tentar nos encontrar no nosso continente, se perder no nosso continente. *Não se pode ir a lugar algum faltando fantasia*, diz o texto. Por ela tentamos nos aproximar dos rarâmuris do norte do México, com ela enred(amos) esses corpos que se movem infinitamente, é dela aquilo que limita e expande as noções de identidade continental. A fantasia é incontornável aqui, mesmo que muitas vezes ela não nos caiba muito, vai se ajeitando, encaixando a pisada.

E quem erra por aí tem mais chance de encontrar aquilo que se busca, mesmo que se perca, mesmo que para isso tenha que perder os sapatos, perder a memória, o caminho. Quem erra por aí vai encurtando as distâncias entre os pés-corações, vai encontrando as contradições.

No desafio a que nos propusemos, o de escrever nosso primeiro texto, coube a mim pegar o lápis. Nestes quase treze anos de caminhada juntos, pela primeira vez vejo meus colegas de fora da cena, e não de dentro. E me escuto, literalmente, através deles. Sobre isso ainda não sei

muito o que dizer. Mas algo me chamou a atenção. Nos comunicamos muito pelas palavras, é verdade, mas sobretudo pelos silêncios, que talvez seja aquilo que pessoalmente tenho de mais inescapável. Pude perceber que, ao menos neste nosso processo, escrever talvez seja mesmo um exercício de silêncio e imobilidade, condição para que as materialidades coletivas possam emergir de maneira mais viva. Só dar o passo quando não houver nenhuma outra opção. Quando nada mais restar, a palavra.

“Quem fala muito não corre/não tem fôlego para correr”, diz o texto. Então paro por aqui. E este fim de texto também é uma invenção.

“E quem erra por aí tem mais chance de encontrar aquilo que se busca, mesmo que se perca, mesmo que para isso tenha que perder os sapatos, perder a memória, o caminho”

































PÉS-CORAÇÃO





Pés-Coração

de Abel Xavier

Versão em processo
4 de março de 2026

*(A plateia entra conduzida pelos atores.
No centro do palco, a presença de uma mulher que canta).*

PRÓLOGO

Emilene: Em cima deste palco tem um alfinete, desses de aplicativo de mapa, que fincam a linha de chegada. O lugar onde se quer chegar é aqui mesmo, exatamente em cima dessas curvas de um virtual mapa inventado, dentro de uma fila única de pés de passos miúdos, passo a passo miúdo.

Carol: Chegamos. O alfinete sobre este palco está entre a Av. Pompeia à leste e Barão de Bananal à oeste. Sob os nossos pés o Rio Água Preta, vivo, apesar de tudo. Entramos pelo portão principal da rua Clélia ao norte e descemos uma leve ladeira de paralelepípedos da velha cidade. Viramos à direita, alguns passos um tanto retos, alguns tortuosos e envergonhados olás acolás, talvez um: “quem é esse mesmo que me cumprimentou?”,

“faz tempo que eu não venho aqui”,

“nunca mais achei aquele pavê de cupuaçu”...

Wallyson: Chegamos. Eu aqui, e ela também, e ela, e eles (*técnica*) e vocês (*público*). Aqui. Nós estamos aqui. E neste tempo de curvas, ruas, paralelepípedos e olás, o alfinete sempre esteve aqui, esperando por nós. O alfinete sempre esteve bem em cima deste palco, nesta arena, enquanto lá em casa os pés eram calçados - bate a porta - dá um jeito - corre - avisa - vai lá - combina - desistir não - só posso ir hoje ver a peça, coração, depois não dá.

Emilene: Lá fora o café foi vendido, engolido, o abraço mal dado, de lado, o cartaz lido, o acordo revisto, o passo atrasado e a fila organizada em linhas que vão na direção do...

Wallyson: Chegamos.

Caetano: Chegamos?

Leandro: Chegamos.

Carol: Chegamos ao destino. A linha de chegada é dentro. Dentro de um teatro. E o caminho até aqui foi só ladeira abaixo. Estamos ladeira abaixo e inclinados a...

Wallyson: Mira, à leste está a avenida Pompeia, a oeste a rua Barón del Bananal, bajo nuestros pies el Río Agua Negra, nós entramos pela calle Clélia - quase um trava-línguas, calle Clélia - descendimos un camino de piedras, direita, pasos rectos, hablamos...

“hola”,

“hola”

“bien?”

“bien e vos”

“¡Carajo, pensé que no iba a llegar!, el maldito pin - pin é o alfinete em espanhol - o maldito del GPS cambiaba de lugar cuanto más me acercaba”

“Vine más temprano para provar un pavé de cupuaçu”

“o que que é cupuaçu?”

“¿no conoce?”

“no!”

“una fruta brasileña tremenda!”

“¿Y comió??”

“no tenía!”

“¡no!”

“si!”

“carajo!”

“no creo”

e tal tal tal.

Emilene: E tal qual uma avenida de um samba popular, a linha de chegada é também a linha de partida. Linhas repartidas que erram cegas pelo nosso continente, a partir deste infinito que alfineta os nossos pés em busca de parada. Mas não consegue.

Isto aqui não para. Isto aqui, não para.

(chamada de bateria)

Chegamos.

PASSISTAS 1 - FALTA MENOS

(passistas carregando alguns pedaços de fantasia de carnaval. Um deles sem sapato.)

Cantam:

“Para bailar La Bamba, cair no samba

Latino-americano som

No compasso da felicidade

Irá pulsar mí corazón” (2X)¹

C: Falta muito?

B: Falta menos.

C: Estamos nisso há horas!

B: Que exagero!

C: Exagero? Daqui a pouco aparece a placa “Você chegou ao México”!

A: Eu estou com a sensação de que está faltando alguma coisa.

B: Normal. Normal faltar alguma coisa.

C: Vocês sabem mesmo o caminho?

B: Você não sabe o caminho *(para C)*?

C: Eu? Eu não!

B: Eu sei, acho, é por aqui mesmo.

A: Está faltando alguma coisa.

C: Eu to exausta!

A: O sapato!

¹ Trechos do samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, de 2006. O título do enredo deste ano era “Soy Loco por Ti, América: A Vila Canta a Latinidade”.

B e C: Que que tem o sapato?

A: Puta que pariu, o sapato!

B: Não vai me dizer que você não trouxe?

C: Eu to exausta.

A: Eu trouxe!

C: O que?

A: O sapato!

B: Cadê seu sapato?

A: Eu não sei.

C: Procura direito.

B: Não pára.

A: Vocês me fizeram correr pra descer do ônibus!

C: Claro, você estava de paquera atrasando a gente.

B: Não para!

A: Eu devo ter deixado no banco do ônibus!

C: Você não trouxe seu sapato?

A: Eu trouxe! Só esqueci no ônibus, acho.

C: Deve ter ficado com o seu paquera.

B: Não pára.

A: Pára! É carnaval!

C: Que que tem?

A: Me deixa paquerar, é carnaval!

B: Quem fala muito não anda...

A: Meu sapato da fantasia, não acredito.

C: Falta muito?

B: Falta menos.

A: Como é que eu vou desfilar faltando fantasia?

B: Acho melhor correr.

C: Agora vai sem, não dá pra voltar.

B: A gente já saiu atrasado.

A: Eu não saí atrasada!

C: Mas atrasou paquerando no ônibus.

A: De novo isso, gente?

C: Tem muita gente.

B: Normal. Normal ter muita gente.

C: Eu me perco com muita gente.

A: Sério?

C: Eu me perco.

A: Eu me perco quando eu corro sem saber o caminho.

B: A escola já deve estar quase entrando.

C: E nada da ala ainda. Será que as pessoas já estão lá?

B: Normal. Normal as pessoas já estarem lá.

A: Eu sou ponta da ala! Não posso aparecer sem meu sapato!

C: Não mesmo.

B: Amiga, você vai levar um esfrega da chefe da ala.

C: Nós vamos chegar no México, mas não vamos chegar nessa avenida, Brasil.

A: Já não passamos por aqui antes?

B: Corre.

A: Já passamos por aqui antes, ein.

C: Onde?

B: Por aqui.

C: Falta muito?

B: Corre.

A: Eu tenho certeza que eu já vi esse cara (*alguém da plateia*).

C: Falta muito?

B: Falta menos. Corre.

PEGA-PEGA

Menino:

Minha primeira memória correndo é de quando eu tinha cinco anos.

Eu, eu pequeno, pequenininho, magrelinho, pernas finas. Eu pequeno vivia correndo.

Eu, minha mãe, mãos dadas, passos largos os dela, um dela três meus.

Ela, a calçada da rua em que morávamos, um pouco pedra, muito buraco, rua do meu bairro, interior de estado.

Eu, eu dentro-interior-pequeno, brinco: buraco é lava!. Salta, dá seus pulos. Pisou-morreu.

Ela, minha mãe, de repente me puxa, me arrasta pela lava e me leva pelo braço.

Oba! Pega-pegas!

Ela corre, corre, corre comigo pela calçada. Pista-calçada de buraco-obstáculo.

Eu vi: na nossa frente um competidor brincando com a minha mãe. Um boy brincando com a minha mãe. Com a gente. Um boy. Brincando. Minha mãe dentro-interior-vulcão brinca de pega-pegas com ele à nossa frente.

Minha mãe corre comigo atrás dele.

Ele, o homem, é rápido. Vai pra rua, eu junto, pelo braço, queimando em lavas levado pelo passo triplicado da minha mãe, ziguezagueando pelas ruas barulhentas do bairro.

— “Tá comigo!”, eu gritei dentro-interior-pequeno. Mas ninguém me ouviu.

— “Luiz! Luiz!”, gritou a minha mãe para fora-exterior-grande. E a vizinhança das janelas amontadas assistiu.

Luiz era o nome do meu padrasto. O competidor da minha mãe. Eles viveram por nove anos juntos, num desses relacionamentos cheios de buracos, pedras, pega-pegas, lavas e vulcão... muy latinos eles... de los pies al corazón.

“Luiz! Luiz!” minha mãe gritava enquanto a gente corria. Mas pega-pegas só é jogo quando se deixa pegar. Corre mas corre devagar, meio assim, pra alcançar. Acaba sumindo quem não sabe correr jogando, vai pra casa mais cedo. Do que será que ele tava brincando?

Hoje o Luiz já não corre mais com a gente.

Eu, eu grande, salto lavas e pego-pegas pra correr essa minha memória dos cinco anos, pegou?

Ela, a minha mãe, segue correndo, me arrastando pelo braço e tentando me ensinar a viver.

CORRE COMIGO

Aquela que não é a Rita: Foi assim: A cobradora olhando o celular. Eu digo que esqueci o bilhete em casa. Ela tira o cartão do bolso da camisa azul, encosta no aparelho. Bip.

- Pode passar.
- Obrigado.

Ela não responde. Nem me olha. Tudo bem. Ufa. Bom dia. Sentei. Corri pra chegar, hoje não vou me atrasar. Fone de ouvido. Olhos fechados. Meu mundo.

Cinquenta minutos de spotify. Era isso o que me separava do meu ponto final naquele dia.

No dez, alguma coisa bate na janela. Me chama a atenção. Tiro o fone.

Um rapaz, correndo ao lado do ônibus. Corre como se estivesse atrasado para mim. Ele olha. Ele correndo me olha. Ele olha na minha direção.

- Rita!!! Rita!!!

Rita? Mas meu nome não é Rita!

Ele corre pareado comigo, do lado de fora.

- Rita!!!

O ônibus é mais rápido. Sempre é. Ele vai ficando pra trás, recupera um pouco nas paradas, mas nunca chega a me alcançar totalmente.

- Rita!!!

As pessoas ao meu redor começam a me olhar. Não pra ele. Pra mim. Elas me encaram tentando adivinhar que tipo de merda aquele rapaz teria feito pra que eu — a Rita ? — tivesse abandonado o sujeito corredor.

Ele corre. Corre. Corre. E me olha com uns olhos de verdade. Ele tem certeza absoluta de que eu sou ela. E eu até já começo a duvidar da minha certidão.

A cobradora já desgrudada da tela do celular e agora entretida com a novela matinal do circular, desamarra a cara e me sentencia, certa de um capricho do coração:

- Porra, Rita. O cara tá correndo há horas atrás de você. Perdoa, vai!

E o ônibus responde pra ela num coro de transporte coletivo:

- Perdoa! Perdoa! Perdoa!

A essa altura... eu talvez quisesse mesmo ser a Rita. Perdida por aí.

O trânsito, maldito cúmplice, freia tudo e o ônibus para.

Antes mesmo da porta abrir completamente, ele entra correndo, para na minha frente e me encara com a certeza ofegante dos corredores:

— Rita, corre comigo! (*com sotaque espanhol*)

(*o ônibus: corre! corre! corre!*)

CORRER É VÔO

Pesquisadora: Olá.

Primeiro eu gostaria de agradecer o convite. Eu estou muito feliz por estar aqui nesta noite para falar de uma coisa que reúne tanta gente. Bom, eu queria fazer um recorte do ato de correr na perspectiva da dança cênica e como isso foi abordado.

Pode passar.

Uma das referências aqui pra nós é o livro “História dos gestos”, que foi organizado por duas historiadoras da dança: a Isabelle Launay e Marie Glon....

Pode passar.

Elas vão historicizar alguns gestos muito presentes na dança cênica e o CORRER foi um desses que elas olharam.

Pode passar!

É muito interessante que logo no início do capítulo que fala da corrida, elas diferenciam a ação de correr do gesto de correr, né? Colocando que a ação de correr se sintetiza através de um movimento sucessivo e acelerado das pernas e dos pés ...

Pode passar!

... e que essa ação, correr, é compartilhada entre seres humanos e animais. E aqui a gente já pode pensar a corrida, a corrida ação eu digo, como algo para além da cultura, uma coisa da ordem da natureza mesmo. Já o gesto de correr, é um tipo de movimento que está mais relacionado ao território da humanidade. E aí...

pode passar,

... situando a corrida enquanto gesto, as autoras vão dizer que correr envolve todo o corpo humano no desejo de atravessar algum espaço. Eu achei bem bonita essa parte, assim, pensar que todo o corpo se mobiliza em função desse desejo, de se mover, se deslocar, cruzar um território com os pés, empurrando o ar com o peito. Porque pra corrida enquanto gesto, por exemplo, estar em lugares diferentes é só uma questão de..... de tempo mesmo...

pode passar,

... o gesto vai se organizar da seguinte maneira: a caminhada ganha uma aceleração cardíaca que leva o corpo a um desequilíbrio, seguido de um pequeno ímpeto de impulso, um salto, um momento fora do chão.... um voo.... e uma aterrissagem...

pode passar!

Já no século XVIII-XIX a corrida vai ser estudada enquanto atividade física, recreativa e desportiva. Corrida esporte.

Pode passar!

A inspiração para organizar o atletismo na modernidade, por exemplo, foram as corridas de cavalo, olha só. A pista, então, deixa de ser só uma travessia reta e passa a ser circular, trazendo uma repetição vertiginosa, acolhendo uma corrida sem fim...
pode passar...

um espaço potencialmente infinito,
pode passar...

Lembrando que, na perspectiva de quem corre, estar em lugares diferentes é só uma questão de tempo.

Pode passar...

Porque em 1872 o então governador da Califórnia - vocês sabiam que a Califórnia pertencia ao México até 1850? Pois é, questão de tempo. (*retomando*) Então, o governador da Califórnia lá no século XIX, um homem de negócios e apreciador de hipismo, deu pra afirmar que todas as quatro patas de um cavalo deixavam a terra ao mesmo tempo durante o galope. Ele apostou a sua teoria com um amigo e para provar cientificamente a sua afirmação, procurou um fotógrafo que desenvolveu um esquema de captação instantânea de imagens.

Pode passar...

O fotógrafo montou uma linha de 12 câmeras acionadas por fios em uma pista de corrida para capturar o movimento em sequência do cavalo, provando que sim, o cavalo ficava suspenso no ar por um breve instante, numa espécie de vôo.

Pode passar...

Acontece que o registro e a exibição sequencial dessas 12 imagens, criava a ilusão de movimento e esse experimento, conhecido como "The Horse in Motion" foi um dos primeiros passos para a invenção do cinema e todo o vôo que ele nos proporciona...
... pode passar!

E embora eu esteja aqui falando até agora da corrida... pode passar...

Muito partindo, né, dos membros inferiores chegando até a inclinação do tronco, pés, impulso, centro de gravidade, chão, cintura escapular, asas, voo.... pode passar...

Tudo isso se conecta aqui numa experiência de correr-vôo que é muito ancestral na história humana, é uma questão de tempo, pode passar...

Na perspectiva de quem corre, estar em outro lugar é uma questão de tempo, vai passar...

Imagina quem já esteve aqui...vai passar...sangrando pelos pés...pode passar...aqui... pode passar... voou aqui...pode passar... com os dois pés fora do chão... pode passar.... por aqui sambaram os nossos ancestrais... pode passar...nesse território que pertencia a outras pessoas... vai passar... território tomado... pode passar... desequilíbrio...pode passar... o correr...pode passar... é uma questão de tempo... vai passar...

(seguido de uma sequência de movimentos a partir da corrida-vôo)

DOC 1

Carol: Mais cedo, quando a gente estava chegando aqui pra preparar a peça pra sessão de hoje, tinha uma mulher aqui na porta, do lado de fora. Ela estava de frente pra porta, sozinha, mas parecia que estava em cena, sabe, ou ensaiando alguma coisa, ensaiando dizer alguma coisa. Eu acho que ela estava perdida. Bom, certamente estava perdida. Mas parecia muito à vontade também, de pé, de costas pra gente, olhando pra frente, pra porta, meio atriz. Tive a impressão de que ela tava cantando baixinho e tava mesmo, num idioma que ninguém conseguia identificar. Mas era um canto bonito, numa voz aguda, parecia uma reza também. Eu fiquei parada um pouco, no tempo, ouvindo, tentando me agarrar a alguma palavra que talvez eu conhecesse. Mas como estamos neste espaço, tem muita gente, barulho, vai e vem, não consegui. Então eu fui pra direção da porta pra tentar ouvir melhor, tentar olhar pro rosto dela, pra ver se eu a conhecia. Também não consegui. Quando eu pensei em falar, perguntar alguma coisa, ela saiu correndo pelo saguão do teatro. Mas não correndo fugindo, fugindo de nós, de mim ou da minha tentativa de aproximação, correndo correndo mesmo, correndo de um jeito que... não sei, sem pressa sabe, como se ela estivesse correndo a vida toda e só parado aqui pra olhar, pra nos olhar, rezar, esperar, coisa assim. Todo mundo achou estranho. Nós acompanhamos ela correr até sumir de vista, na curva, ali.

PASSISTAS 2 - QUEM FALA MUITO NÃO CORRE

(passistas carregando pedaços de fantasia de carnaval. A e C estão sem sapatos. C terminando de tomar uma cerveja corona).

Cantam:

“Soy loco por tí, América

Louco por teus sabores

Fartura que impera, mestiça mãe-terra

Da integração das cores”

B: Termina logo isso.

C: Eu estou exausta.

A: Olha em volta!

C: Achou a ala?

A: Não, mas de repente eu reencontro o meu paquera com meu sapato.

C: Esquece, é carnaval, já deve estar longe beijando outra pessoa.

B: Normal. Normal beijar outra pessoa.

A: Olha em volta, gente!

B: Termina logo isso (*para C*).

C: Não consigo correr e tomar ao mesmo tempo.

A: Ali!

B: Ali o que?

A: Aquele cara de bigode!

B: Que que tem?

A: Aquele cara de bigode de novo!

B: Onde?

A: Já passamos por aqui e não faz muito tempo.

B: Onde?

A: Aqui. Eu já vi aquele bigode!
 B: Normal. Normal gente de bigode.
 C: *(para B)* Confessa, você não sabe para onde estamos indo.
 B: Claro que eu sei, eu acho. Eu sei! De bigode?
 A: Ai, caramba, acho que eu perdi. Putz, me perdi.
 C: Falta muito?
 B: Falta menos.
 C: Eu acho que ela tem razão ein.
 B: Corre.
 C: A gente já passou aqui.
 B: Termina logo isso.
 A: *(para C)* Depois sou eu que atraso.
 B: Não pára.
 C: Gente! Eu só parei um pouquinho pra pegar uma cervejinha geladinha rapidinho da barraca do mexicano que tava vendendo corona!
 A: Uma fortuna, a cerveja, uma fortuna.
 C: É carnaval!
 B: Não para. Toma e corre.
 C: Trabalhei o ano inteiro, tenho direito a uma alegria fugaz.
 B: Normal. Normal uma alegria fugaz.
 C: Eu também estou achando que já passamos por aqui, ein?
 B: Onde?
 C: Aqui.
 A: Não tô dizendo? Chega no México mas não chega nessa avenida, Brasil.
 B: Quem fala muito não corre.
 C: Falta muito?
 B: Não tem fôlego pra correr.
 C: Ein?
 B: Falta menos.
 A: Amiga, olha pra você! *(para C)*
 C: Que que tem?
 A: Você está sem sapatos!
 C: Puta que pariu!
 B: Não pára, Brasil!
 C: Onde eu deixei meu sapato?
 A: Onde você deixou seu sapato?
 C: Não sei, será que ficou no mexicano da cerveja?
 A: Uma fortuna, a cerveja, uma fortuna.
 B: Certeza que ficou no mexicano da cerveja!
 A: Olha em volta, de repente a gente acha o meu paquera e o mexicano da cerveja.
 C: Meu sapato da fantasia, não acredito.
 B: Agora vai sem sapato, não dá pra voltar.
 A: Estamos nisso há horas!
 B: Vocês vão levar um esfrega da chefe da ala chegando na avenida sem sapato.
 C: Não é aquele ali?
 B: O paquera?
 A: Onde?
 B: Aqui.
 C: Não!
 A: Ah.
 B: O mexicano?

C: Não.
 B: A chefe da ala?
 C: Não! O cara de bigode!
 A: Pode ser, aí eu acho que eu perdi, me perdi.
 C: Muita gente.
 A: Eu me perdi.
 B: Quem fala muito não corre.
 C: Falta muito?
 B: Não tem fôlego pra correr.
 C: Falta muito?
 B: Falta menos. Corre.

PÉS LIGEIOS

Palestrante: Quanto tempo eu ainda tenho? Tá bom.

Então, eu estava dizendo que os rarámuris são um povo originário que vive no norte do México, em Chihuahua, na região da Sierra Madre Ocidental. Bom, a palavra raramuri quer dizer pés ligeiros, porque são pessoas que correm, correm muito, muitas vezes descalças, com os pés no chão, vivem correndo ou caminhando longas distâncias, nem sempre uma corrida rápida, mas constante, brincam correndo, ficam dias assim, dançando também. Tem pesquisadores que dizem que essa coisa da corrida é antiga, uma espécie de resistência simbólica e silenciosa, um corpo coletivo de um povo que tenta se equilibrar no movimento, talvez um eco dessa fuga da colonização, ainda. E é uma comunidade razoavelmente conhecida até, tem documentário e tudo, livro, pesquisa acadêmica, uma porção de coisa.

Meu tempo, por favor? Ok.

Eu queria mesmo concluir essa minha fala de hoje apresentando a Rita, a Rita Patiño, que foi uma mulher que virou tema de um desses documentários sobre os rarámuris. Isso porque um dia ela apareceu, muito assustada e aparentemente perdida, numa vila do Kansas no começo da década de 80. Ninguém soube muito bem como ela chegou lá. A polícia foi chamada, levaram ela à força pra delegacia, depois para um hospital, tudo de forma involuntária, claro. Os policiais contam neste documentário que ela batia forte nos vidros da viatura. E aí chegaram à conclusão de que ela era um perigo para si mesma e ela ficou lá no Kansas por mais de dez anos, falando um idioma incompreensível, tratada como doente mental numa espécie de manicômio, até que uma advogada soube do caso dela, acessou os documentos e conseguiu decifrar a origem rarámuri dessa mulher, da Rita.

Imagina, eu pesquisei e da região de Chihuahua até a cidade do Kansas são mais de 1300 km em linha reta! Ninguém soube como essa mulher caminhou ou correu essa distância toda, esse tempo todo, falando um idioma completamente desconhecido, não foi vista...

Aí, enfim, só tiraram ela de lá depois de dez anos. A Rita. Ela foi levada de volta para Chihuahua depois de um tempo, foi viver com uma sobrinha rarámuri o tempo que lhe restava. Hoje ela já morreu, a Rita. Tudo isso tá neste documentário que eu falei...

Eu fiquei pensando, enquanto eu preparava esse material pra vocês, se fosse eu, o que me levaria a caminhar ou correr mais de 1300 km pra longe da minha terra, do meu lugar, das minhas pessoas, ou de mim mesmo até. Fiquei pensando aqui as motivações de uma pessoa que se põe a olhar pra frente, correr, e deixar pra trás... algo. Se coragem ou desespero ou falta de opção, não sei, talvez tudo isso e mais coisas que eu nem o que é.

Eu sinto que o meu tempo está acabando, sabe, que se eu quiser fazer alguma coisa do tamanho dessa travessia da Rita, eu deveria começar agora, me perder.. Largar tudo, agora, sair andando, ou correndo que é mais rápido, não sei. Encarar aquela coisa que vem depois da... da curva. Tem alguma coisa lá, mas a gente não sabe exatamente o que é.... é disso que eu estou falando, do tempo que vai terminando, afunilando as possibilidades, prendendo os pés da gente aqui, dando medo, o tempo que corre dá medo, teria que ser agora, só pode ser agora...

Quanto tempo eu ainda tenho?

PÉS NOS VÃOS

A que gosta de sair pra dançar: Eu sempre adorei sair pra dançar. Não suportava aquele ambiente de barzinho parado, sabe? Sair pra dançar me fazia andar por aí, me mover, comer a brisa da noite. Eu adoro me jogar em várias pistas, diferentes e variadas, sempre fui de uma pra outra, subindo e descendo...

Bom, um dia, eu fui dançar numa balada e numa hora da noite, tive que ir ao banheiro. E olha que loco, a balada estava cheia, mas quando entro no banheiro: o vazio. Eu, sozinha. Era o que eu achava.

Porque quando eu olhei pelo reflexo do espelho eu vi, no vão debaixo de umas das portas, os pés de uma mulher. Cada pé com um sapato de cor diferente.

Eu pensei "Gente, quem é que vai pra balada com um sapato de cada cor?" Eu fiquei intrigada com aquilo, eu parei de me maquiar e fiquei olhando um tempo pro vão através do reflexo. E, eu não sei, parecia que aquele sapato estava me chamando, sabe? Ele estava me convidando.

Foi aí que me dei conta de que os sapatos que eu estava usando tinham a mesmíssima cor de um dos dela, ou seja, se eu entregasse um dos meus, ela ficaria com a combinação perfeita. Então eu não tive dúvidas: cheguei bem pertinho da porta, tirei o meu sapato, entreguei o meu par por debaixo e fiquei descalça de um pé.

Eu senti que ela me percebeu e meu coração gelou. Eu colada na porta, num silêncio estranho, ela puxou o meu sapato com uma mão pra dentro do vão e depois pegou meu pé e... acariciou... Depois o colocou com muita força na própria bochecha, como se estivesse pedindo pra eu pisar no rosto dela, lambendo muito....

Começou a beijar o meu pé, ela passou os lábios, a língua, colocou os meus dedos na boca, no vão. Profundo meu pé, parte boa dentro. Eu até consegui sentir as batidas do seu coração com os meus dedos molhados. E parecia que a pista toda havia parado pra ouvir a nossa respiração.

Meu, eu só recebi aquilo e era como se o meu pé estivesse voando naquele vão.

No fim da noite quem chegou em casa com sapatos um de cada cor fui eu.

CORAÇÃO VOADOR

Viajante: Nós estávamos voando de São Paulo à Cidade do México com escala em El Salvador. Quando o avião pousou em El Salvador, a comissária, em estado de alerta, disse no auto falante: “os tripulantes que fazem escala neste aeroporto levantem agora e saiam rapidamente antes de todos”.

Descemos do avião meio sem entender a pressa e demos de cara com uma van nos esperando. A gente começou a achar aquilo tudo muito estranho. Todos entraram na van que saiu correndo pela pista de voo, nos levando até o próximo avião. Dentro da van tinha uma enfermeira que segurava um *cooler*, um isopor .

— “Aquí dentro hay un corazón”, ela disse, “Um coração que precisa bater num novo corpo em até quatro horas”. Ninguém falou mais nada, um silêncio total.

Eu e as demais pessoas desconhecidas umas das outras compartilhando aquele momento íntimo. Íntimo eu não sei se é uma boa palavra mas estávamos nós ali naquela situação, que por um lado era um velório de um coração morto e por outro a celebração de um coração vivo que corria voando em busca do seu novo peito.

E nós ali juntos naquele entre, entre a morte e a vida . E no corre de fazer aquele coração chegar em tempo. Um coração dentro de uma caixa de isopor e cada um de nós dentro dos nossos pensamentos em idiomas distintos. Se fez um silêncio meio que sagrado. Era possível escutar as batidas dos nossos corações e eu tive a impressão de ouvir também a batida surda e compassada daquele coração congelado e ávido por bater de novo.

Foi quando lá do fundo da minha cabeça veio correndo uma voz que me dominou por completo.

Quién me va a entregar sus emociones?
 Quién me va a pedir que nunca le abandone?
 Quién me tamará esta noche se hace frío?
 Quién me va a curar el corazón partió?
 Quién llenará de primaveras este enero
 y bajará la luna para que juguemos?
 Dime, si tú te vas, dime cariño mío
 Quién me a curar el corazón partió?

CORAÇÕES SUADOS

Homem: Acordo às 04h30 da manhã, saio de casa correndo, corro pra pegar o ônibus, corro pra comer dentro da hora apertada do almoço, corro pra bater a meta de venda na loja, corro pra não me atrasar na primeira aula do noturno e a professora não me dar falta, eu já não tenho vinte anos, corro pra pegar o ônibus de volta... corro a semana toda... e aí às onze e meia da noite começa a minha hora do dia... eu chego em casa, tomo meu banho, faço uma comida pra mim, como em silêncio, lavo a louça e antes de correr pra dormir, coloco o lixo na calçada.

Foi lá que eu o conheci.

A primeira vez foi só um vulto, ele passou correndo por mim deixando só o vento.

A segunda vez eu consegui perceber mais a corrida dele, ziguezagueando pelas casas da rua até chegar na minha.

Da terceira vez em diante tínhamos um ritual: eu saía pra calçada, ele vinha correndo por ela, pegava meu lixo, corria até o caminhão e jogava.

Depois de um tempo eu queria que ele prestasse mais atenção em mim. Eu comprava sacos de lixo de cores apaixonantes: pink, roxo, vermelho. Mas ele... nada. Pegava meu lixo como outro qualquer e... jogava na caçamba.

Eu tive que aumentar o meu corre.

Fazia tudo mais rápido: corre despertador, corre almoço, corre meta, corre ônibus, corre aula, aumenta o passo, encurta o tempo, chegar em casa, banho, janta, marmita, mochila, lixo e... calçada. Mais cedo do que antes.

De lá do outro quarteirão ele poderia me ver, se quisesse, eu olhando disfarçadamente o celular.

Mas nada. Ele pegava meu lixo, jogava na caçamba e ia embora.

Ah é? Aposto dobrada!

Vários sacos de lixo diferentes, colocava o meu na frente da minha casa e corria pelo quarteirão de trás. Ia colocando saco por saco nas lixeiras das casas só pra ver ele passar, depois corria para o outro quarteirão, eu decorei a rota do caminhão.

E ele nada. Pegava o lixo e jogava na caçamba. Teve noite de eu ficar uma hora nesse corre.

Então eu resolvi parar e bolar um plano para que ele enfim me percebesse.

Fiquei do lado de dentro da minha casa e, na calçada, no murinho perto da lixeira, eu deixei uma latinha de guaraná estupidamente gelada, suando, brilhando, lacrada.

Eu vi. Ele pegou o lixo, percebeu o guaraná, abriu a lata, deu um gole rápido, devolveu a latinha no mesmo lugar e saiu correndo.

Eu fui até a calçada e dei um gole na nossa mesma latinha tropical, nosso beijo noturno, sabor de saliva de corredores. Só eu e você, que sede que dá.

Depois, Sprite, Fanta, Coca, uva, breja, rolou até um vinho no natal... corre refrescante para corações suados, nosso encontro pelos goles virou ritual.

Mas.... eu queria mais! Teve um dia que eu me arrumei todo e quando ele deu o gole no energético que eu tinha deixado na calçada eu saí pra gente correr juntos. Ele me olhou e sorriu! E a gente foi correndo, correndo... pegando outros lixos do bairro, correndo e jogando os sacos na caçamba... correndo e comemorando os acertos. A cada vitória ele abria um sorriso pra mim.

Correndo, correndo, juntos, correndo, correndo... bonito né?

Mas não foi assim que aconteceu. Na verdade, a prefeitura cancelou o contrato com a empresa de limpeza pública onde ele trabalhava e desde então ele nunca mais apareceu.

Até hoje o meu coração dispara quando eu estou na rua e ouço o barulho do caminhão.

DOC. 2

Emilene: Depois que ela correu, a gente entrou e fomos pro camarim. Mas desde aquela hora eu não consigo parar de pensar naquela mulher. Teve um quê de inusitado, claro, do nada alguém de frente pra porta, perdida, ainda mais cantando. Aquela música me encantou um pouco, sabe? Foram segundos que a gente parou pra ouvir, pra ter certeza de que era um canto mesmo, e não um choro, mas foi o suficiente pra eu me deixar levar pela aquela voz aguda, aquela letra incompreensível, outro idioma eu acho, não sei. Mas certamente desconhecido pra mim. O idioma, desconhecido pra mim. Tem algum encanto nos idiomas completamente desconhecidos, algo inacessível, uma mistura de curiosidade, desespero e desejo. Uma sensação de despejo, sabe? Bota fora de algum lugar comum e já dado, dá mais trabalho ouvir um idioma desconhecido. É como se voltássemos a ser um pouco mais bicho, o instinto toma conta. Eu me perdi.

PASSISTAS 3 - É DIFÍCIL CORRER FALTANDO FANTASIA

(passistas carregando pedaços de fantasia. Os três sem sapatos, de bigode e tomando uma coroa).

Cantam

"Sangue "caliente" corre na veia

É noite no Império do Sol

A Vila Isabel semeia

Sua poesia em "portunhol"

B: Perdi.

A: Como?

B: Puta que pariu! Eu não sei!

A: Não lembra?

B: Não sei.

C: Eu estou exausta.

B: Perdi, também me perdi.

A: Como é que pode, gente?

B: Não sei, estava aqui, corri, quando me dei conta não estava mais.

A: Há quanto tempo estamos correndo?

C: Muito, muito tempo. Daqui a pouco aparece a placa "Você chegou ao México".

A: Olha em volta. A gente ensaia, canta, dança, é quadra, é corre, é muita gente pra desfilar.

C: Muita gente. É um continente inteiro. Eu me perco.

B: Corre, coração.

A: É difícil correr faltando fantasia.

B: Não pára.
 C: Eu me perco no carnaval.
 B: Normal. Normal se perder no carnaval.
 C: Eu estou exausta.
 A: Não vamos chegar a lugar nenhum faltando fantasia.
 B: Não dá.
 A: Vamos pegar emprestado de alguém?
 B: O que?
 A: A fantasia, de alguém...
 C: De quem?
 A: Sei lá, tá cheio de gente aqui, olha em volta.
 C: Você está doida.
 A: Normal. Normal estar doida.
 B: Hm, não pára.
 A: Vamos pedir algum sapato emprestado, eu vi uns sapatos aqui que passam por fantasia. Quanto tempo falta para o desfile começar? Falta muito?
 B: Falta menos.
 A: Que sensação estranha,
 B: Hm
 A: Olha em volta.
 B: Que que tem?
 A: Parece que tem mais gente de bigode. *(saem)*

(passa pelo palco a mulher que cantava no início tomando uma corona e com uma faca na mão).

A CABEÇA DA CORREDORA É UM INFERNO

Atleta: Isso, é Paula meu nome. É. Aqui? Aqui no chão? É estranho falar disso sentada, não sei, mas vamos lá. Parece que eu sou uma intrusa aqui, mas vamos lá. Obrigada pelo convite, mas se eu estou aqui hoje é por causa dela.

Bom, eu comecei a correr há 20 anos. E eu comecei pra emagrecer né. Pra chegar naquele corpo. Naquele corpo lá. Comecei a correr e virei alucinada da corrida, me apaixonei. Entrei num boom! Isso aqui é muito bom! Isso aqui é muito bom!

Eu já trabalhei numa revista de corrida, conheci as marcas, comecei a receber tênis de brinde, me levavam pra viajar. Eu já fui a brasileira mais rápida em Paris, Nova Iorque, Milão, Budapeste e aí eu acreditei no *hype*. Eu acreditei no *hype* e comecei a perseguir resultados e performance. Uma maratonista precisa correr todo dia, fazer um ciclo de 16 semanas, 100 km em 7 dias, duríssimo, essa rotina é muito apertada, não me cabe mais. Mas eu só aprendi isso depois que ela revelou pra mim.

Antes dela eu só pensava em baixar meu tempo, dane-se meu corpo, dane-se, dane-se meu ciclo menstrual, dane-se o frio, a chuva, a poluição, dane-se.

Eu me via acelerada porque eu corria 7 vezes por semana como maratonista! 7 vezes por semana!

Corredor não caminha! Pensa! Num treino de tiro, se você caminha, meu bem, acabou sua carreira de atleta! Acabou! Hoje em dia se você caminha ao invés de correr você é *loser*. Caminhar é coisa de *loser*, onde já se viu? Essa é a cabeça do corredor. Era a minha. Eu acho que a gente entrou num boom da corrida de consumo mesmo, sabe? Pra você correr 5k na Marginal Pinheiros você precisa pagar 300 reais! Na marginal! 300 reais!

Cheirando a esgoto e fumaça! E se você quiser correr num parque? Não tem! Não é todo lugar que tem parque.

Agora vê se pode, as pessoas vão pra Berlim pra fazer maratona em 4h30 pagando em euros, porque não faz aqui em São Paulo, pagando em reais? Agora eu fico julgando as pessoas, eu julgo mesmo. Foi ela quem me abriu o olho pra isso tudo.

Quando o *hype*, quando o *like*, quando o tênis de 3000 mil reais consegue entrar no seu pé, ele sequestra o motivo, sabe. Perde-se o barato da corrida e da morfina endógena. Porque o bom mesmo da corrida é isso, ela soca no seu corpo um monte de produto químico orgânico que você mesma produz. É um barato muito louco! Isso aqui é muito bom, isso aqui é muito bom!

O meu pé não aguentava mais o *hype* de maratonista, sabe, não aguentava mais ser socado no asfalto pela corrida. Meu corpo não aguentava mais o boom. Mas eu nem me tocava disso.

Eu acho que hoje em dia as pessoas estão correndo pelos motivos errados, nos lugares errados, na direção errada, contrária, dando com a cara na porta, não sei. Será que nosso corpo aguenta bater no asfalto pelo motivo errado? Não sei. Hoje em dia a minha preocupação na rua é se eu vou ser roubada, meu amor, assediada, se eu vou virar o pé na calçada esburacada. Eu corro é disso. A cabeça da corredora é um inferno, cara. Amudança toda tem a ver com ela, a Vera. A Vera mudou minha cabeça, se você quer saber. Bom, a história foi a seguinte: eu passava aqui, correndo, em dia de treino longo. Um dia eu passei e a Vera estava sozinha, perdida, brincando com um tênis velho, jogando pra lá e pra cá, pro alto, se divertindo com o tênis, latindo. Eu achei graça nela. Peguei a Vera no colo e levei embora! Levei mesmo! E ela foi, foi fácil, ela é super mansa. Tem o jeito leve de correr de uma amiga minha, chamada Vera, que eu conheci uma vez numa maratona.

Por isso o nome: Vera.

Desde esse dia a Vera passou a correr comigo e eu achava ela mais do *hype* do que eu! (risos). Virou minha parceira na rua, no parque, não tinha tempo ruim pra Vera, onde for. Levava ela em competição e tudo, roupinha, viseira, tênisinho na pata. A minha cabeça infernal de corredora passou a correr por ela. O meu pace ficou muito melhor correndo com a Vera, se você quer saber. O pace é a velocidade média da corrida. A gente mede em minutos por quilômetro. Quanto menor o número melhor. Normalmente uma pessoa que corre devagar tem um pace de 7 min/km mais ou menos. Eu??? Com a Vera, meu bem, a gente socava em 4 no asfalto, às vezes menos. Corrida na pegada mesmo. Au au au au au au!!

O pessoal já sabia quando a gente estava passando correndo porque ela latia amarrada na minha cintura. Ela corria e latia, corria e latia, latia, latia, latia, latia, latia, latia.... um boom de latido na minha cabeça infernal de corredora. Latia chapada de morfina endógena canina.

Acontece que um dia, se você quer saber, eu fiquei encucada, sabe? Fiquei encucada que ela estava querendo falar comigo. Não sei. Eu costumava gravar alguns vídeos da gente correndo. Teve uma vez que eu assisti a um desses vídeos e a minha nóia aumentou.

Um dia, durante um treino socado e chapadão no parque, eu comecei a escutar, e ela latia latia latia. Fiquei preocupada, ela já não era novinha. Nós duas correndo forte e eu comecei a prestar mais atenção. Meu, ela não parava de latir.

E aí eu entendi finalmente o que ela queria me dizer, e o que fez minha vida mudar pra sempre. Minha cachorrinha Vera. Nesse dia no parque, eu correndo chapadona de morfina endógena, escutei no latido dela a frase *turning point* da minha cabeça infernal de corredora.

Ela latia: Pára, Paula! Pára Paula! Pára, Paula!

NÃO ME CABE

(uma loja de sapatos)

A: (vendedor/a) Boa tarde.

B: (cliente) Boa tarde.

A: Posso ajudar?

B: Não, obrigada (*silêncio*). Não pode ajudar, eu estou só olhando.

A: Bom, se precisar de alguma coisa, pode me chamar.

B: Obrigada.

A: De nada.

A: É pra você ou é pra presente?

B: É pra mim mesmo.

A: Quanto você calça?

B: 38 (*pausa*).

A: Eu também.

B: É que eu estou só olhando mesmo, obrigada. Eu estava no ponto de ônibus aqui na frente e resolvi entrar.

A: Desculpa. Bom, se precisar de alguma coisa é só falar. Esse tênis aí que você está usando é modelo antigo mas a gente tem aqui no estoque, dessa cor mesmo, no seu número. Quer provar?

B: É que eu não estou mais gostando desse aqui, sabe, já me cansou, esse aqui.

A: Sei, eu também me canso dos meus.

B: É que me aperta, quando eu ando.

A: Sei (*pausa*). Dá pra ver.

B: Dá pra ver o que?

A: Dá pra ver, quando você entrou, você anda um pouco, com os pés ligeiros, sabe? Pisando assim meio... rápido, não sei, como que se... doesse, doesse quando encostasse o pé no chão (*silêncio*). Eu sei que você está só olhando, mas se quiser eu posso pegar ali na vitrine pra você olhar com as mãos, a gente sempre tem uma noção maior quando pega e olha, com as mãos. Muita gente vem aqui e pede pra eu pegar na vitrine, pra sentir o material do solado, colocar a mão dentro, sabe? E às vezes leva sem colocar no pé, sem provar. Você acredita que muita gente vem aqui e leva sem provar? Eu não entendo muito isso, a pessoa vem na loja, olha, não coloca no pé e leva sem provar. O pé é que sabe gente! Como é que pode né? Porque tem coisa que não cabe, simplesmente não cabe. Um negócio que vai usar o dia todo, no pé, e não prova? Eu não compro nada sem provar (*silêncio*). O que você está usando é um número menor?

B: Não, é o 38 mesmo.

A: E te aperta? Que esquisito. Tem certeza que é o 38 mesmo? Parece menor.

B: Tenho.

A: Mas é o seu número?

B: Sim.

A: E te aperta?

B: Sim.

A: Que esquisito.

B: É. (*silêncio*)

A: De repente se você levar um número maior...

B: Não, meu número é o 38 mesmo. Maior fica largo.

A: Verdade?

B: Sim, maior fica largo.

A: E o 38 fica apertado?

B: Sim.

A: Que esquisito.

B: É. (*silêncio*)

A: Sempre?

B: Como?

A: Sempre assim?

B: Sempre assim, o que?

A: 38 fica apertado e 39 fica largo?

B: Olha, eu estou só olhando mesmo. Se você quiser atender outra pessoa, eu não me importo. Talvez eu tire a sua vez aí da comissão da venda. Sei que vocês ganham com isso, não quero atrasar o seu corre.

A: Tudo bem, eu estou na hora do meu almoço.

B: (*estranhando*) É?

A: É.

B: Você está na hora do seu almoço?

A: É.

B: E você não sai da loja?

A: Não. Eu almoço aqui mesmo, tem uma cozinha pequena ali dentro. É apertada mas me cabe. (*silêncio*). E eu não estou podendo andar muito por aí também, o meu também me aperta.

B: (...)

A: Não, é sério, o meu também me aperta. É que como eu trabalho aqui, não fica bem eu andando assim que nem você, toda... estranha. Então eu evito andar. Imagina alguém me vendo aqui, andando estranho, vão pensar que nem eu mesmo uso os tênis da loja em que eu mesmo trabalho, ou que talvez eu não tenha dinheiro pra comprar. Ninguém vai comprar de alguém que anda estranho, que parece que tem o tênis apertado.

B: Sei. E porque você não compra um novo?

A: E porque você não compra um novo? (*pausa*).

B: É por isso que eu tô aqui.

A: Então prova!

B: Que eu estou aqui?

A: Não! Prova um tênis!

B: Não adianta provar, o 38 fica apertado e o 39 fica largo. Disso eu já sei.

A: Então leva um 39 dessa vez, pra você não ficar andando assim!

B: Assim como?

A: Assim! Desse jeito aí que você anda! Olha, eu tô aqui há horas, esperando esperando e ninguém entra nessa loja. A prefeitura está quebrando a rua há mais de uma semana, parece que vão enterrar os fios de eletricidade aí na frente, não tão cabendo mais no alto, é muito fio, enroscado. Não cabe mais. Colocaram essa placa de madeira aí na calçada com o aviso de "homens trabalhando" mas eu chego aqui às 8h e vou embora às 17h e nunca vejo ninguém, só tem eu trabalhando aqui! Todo mundo passa reto, o resto do mundo todo passa reto e ninguém vê nada, só eu aqui infinito, ninguém me vê. O meu corre aqui embaixo ninguém vê. Não importa o quanto eu corra, não importa se eu acordo cedo e durmo tarde, não importa! Do que que vale saber o caminho se o ponto final nunca chega? Quando é que eu vou ganhar a medalha de campeão, meu irmão? Se eu nunca saio desse lugar. Se não tem tênis que me caiba, se não tem nada que me caiba aqui? Aí você entra pisando desse jeito, pés ligeiros, eu pensei "essa é das minhas, essa vai me render uma comissão, vai entender meu coração!", mas aí você fica dando voltas e dando voltas, cheia de histórias, cheia de linha enroscada que não cabe mais e nem me pede pra provar alguma coisa. Prova qualquer coisa! (*durante*

o desabafo, sai compradora e entra atleta)

Atleta: Provar o que?

Vendedor: Ai, desculpa, ué, onde é que ela foi?

Atleta: Quem?

Vendedor: A moça que estava aqui.

Atleta: Não sei, não vi.

Vendedor: Desculpa. Tudo bem. Tudo bem. *(se ajeita)* Posso ajudar? Quer comprar tênis pra corrida?

Atleta: Que corrida, meu querido, meu corpo não aguenta mais o boom, eu quero é parar! *(despeja um saco de tênis de corrida usados)*.

DOC. 3

Carol: O que será que aquela mulher do tamanho de um continente queria ali, de frente pra porta do teatro?

Emilene: Num canto meio reza, não sei, com aquele idioma desconhecido e depois correndo infinito?

Wally: Quando alguém corre um idioma que a gente nunca ouviu precisa prestar ainda mais a atenção, na voz, nos pés, no silêncio, na intenção...

Carol: Nós ficamos ali, parados, tentando lembrar a música. Mas o idioma desconhecido não deixou muito.

Emilene: Nosso coração partiu, um pouco, junto dos pés dela, virando ali, na curva. Eu me perdi. *(silêncio)*

Carol: Mas, isso aqui não para.

Emilene: Isso aqui não para.

Wally: *(acena um não com a cabeça)* Não para.

Carol: Falta muito?

Wally: Falta menos.

CHEFE DA ALA

Chefe da ala: Boa noite, por acaso vocês não viram passar por aqui três pessoas com fantasias de carnaval? Três brasileiros...

Carol: Não, não vi.

Chefe da ala: É? Um deles é um rapaz bonito, assim, parecido com você.

Wallyson: *(ri)*. Não, não vi.

Chefe da ala: É que eu sou a chefe da ala em que eles vão desfilar, eles estão atrasados, estou preocupada. Bom, se por acaso vocês encontrarem com eles, digam que eu estou procurando.

Emilene: Ah sim, pode deixar.

Chefe da ala: E pra eles correrem.

Todos: Pode deixar.

Chefe da ala: Gracias.

CORAÇÃO BOMBA

(num ponto de ônibus)

Filha/Compradora: Essa é uma história-continente. E ela me fez parar, por um instante. Toda noite nós nos encontrávamos no ponto de ônibus quando eu voltava do cursinho. Ela me esperava, eu descia do ônibus e caminhávamos juntas para casa. Em silêncio. No caminho de volta, eu tentava coincidir os meus passos aos dela, buscando uma marcha direita-esquerda ritmada do exército de nós duas. Era uma tentativa solitária de me conectar com a minha mãe que, àquela altura, só podia me dar uma única coisa sua: o silêncio da volta pra casa.

Vendedor/Menino: Mas minha mãe não foi sempre só silêncio não, em outros tempos ela cantava, quando eu era criança, numa época de nossas vidas um pouco mais barulhenta de palavras. A voz continental da minha mãe cantava cantos de palavras incompreensíveis do lugar de onde ela veio, um lugar onde eu nunca consegui chegar, nunca soube como encontrar a minha mãe no lugar onde ela nasceu. Nem pelas estradas, nem pelas palavras que ela fazia questão de não me ensinar, como que tentando preservar em mim a curiosidade dos abismos do desconhecido. Também porque a minha mãe sempre esteve num lugar diferente do meu, do nosso. Sempre que estávamos num lugar, ela já tinha corrido pra outro.

Filha/Compradora: Nós voltávamos pra casa todos os dias depois do meu cursinho e, todos os dias, todos os dias, eu perguntava:

Vendedor/Menino: Oi mãe, a senhora está bem?

Filha/Compradora: E ela balançava a cabeça num sim-não que escrevia um ponto final na minha tentativa de conversa.

Aquela que não é a Rita: Eu sempre quis entender os silêncios da minha mãe, e também os meus, que ela havia me deixado de herança, sem eu pedir.

Filha/Compradora: Me lembro que um dia eu descii do ônibus vindo do cursinho e ela estava lá, na mesma esquina, mas com um olhar diferente. Achei que ela pudesse estar querendo me dizer alguma coisa, que finalmente desataria a falar tudo o que ficou guardado naqueles anos todos.

Aquela que não é a Rita: Que eu tivesse que catar do chão todas as exclamações da minha mãe, que ela enfim se livraria do seu silêncio me espancando com as palavras mais violentas dos seus vários idiomas e fronteiras. Eu não sei se eu nunca tinha reparado, mas o olhar dela naquele dia me atravessava como se eu não fosse a sua filha.

Vendedor/Menino: Eu me vi nos olhos da minha mãe naquela encruzilhada e pela primeira vez senti que eu e ela estávamos no mesmo lugar.

Filha/Compradora: Me aproximei e percebi que ela estava descalça. Descalça e com uma faca na mão.

Aquela que não é a Rita: Sobre isso eu nunca soube falar.

Filha/Compradora: O olhar dela estava diferente. A mão em punho revelava o tamanho do seu coração-bomba e eu podia ouvir o sangue dela correndo nas suas veias abertas, bailando em destruição.

Vendedor/Menino: Ela se aproximou de mim, me abraçou, me olhou nos olhos e me disse numa voz que eu já quase não lembrava o tom:

Filha/Compradora: *Eu preciso aprender a morrer.* Ela disse isso.

Aquela que não é a Rita: Virou as costas e saiu correndo. Ela correu muito rápido,

descalça. Correu na direção contrária a nossa casa.

Vendedor/Menino: Eu corri atrás dela por um tempo, mas meus passos eram três vezes menores do que os da minha mãe, menores de idade, menores de tempo de corrida, menores de vontade.

Filha/Compradora: Havia algo no meu coração que impedia os meus pés de alcançarem os dela, meus pés sabiam e meu coração concordava que minha mãe ia se perder no horizonte, ia esfaquear todas as esquinas em direção da sua ultramaratona livre de obstáculos.

Aquela que não é a Rita: “Eu preciso aprender a morrer”, eu nunca alcancei esta frase, nunca mais a alcancei, nunca alcancei os silêncios da minha mãe. Eu não a vi nunca mais. Mesmo ela me deixando isso aqui, sob meus pés.

Filha/Compradora: Imagino minha mãe correndo até hoje, depois daquela esquina descalça, escuto minha mãe vivendo o seu silêncio de corredora, toda dentro dela mesma, cantando suas músicas, me ensinando a viver sem ela e me dando, mesmo de longe, os melhores silêncios. Enquanto isso eu vou buscando algo que me caiba.

Aquela que não é a Rita: Imagino minha mãe correndo até hoje, me ensinando como se aprende a morrer.

(som de caminhão de lixo e ônibus. Vendedor escuta e sai correndo, Filha e Aquela que não é a Rita também)

CHÁSKIS

Allycia: Eu nunca tive um lugar. Eu sou de Aby Ayala, raça de bronze. Eu corri muito até aqui, mas é como se eu não tivesse chegado no meu lugar.

A minha memória é muito antiga. Quando eu era criança eu fui criada por uma mulher que eu chamava de tia, que era dona de uma livraria onde eu trabalhava. A melhor hora do dia era quando ela dormia, depois do almoço, por uma hora. Era o momento em que eu fazia tudo o que ela não me deixava: brincar, conversar com as pessoas, dançar e, principalmente, ler os livros da livraria.

Num desses dias da minha infância, eu peguei um livro didático e conheci os chaskis. Os chaskis eram mensageiros do império Inca, eram jovens fortes treinados para conseguir chegar em todos os lugares, levando notícias e bens valiosos por toda Aby Ayala, ou América Latina, como se fala hoje. Eles percorriam todo o nosso continente. Na minha fantasia eles iam até os rarámuris, no México. Além de correr, e correr rápido, eles tinham que falar vários idiomas para poderem se comunicar. Também carregavam os Quipos, que era um calendário feito de corda e nós, pra saberem por quanto tempo tinham se deslocado. E, claro, eles tinham que conhecer os caminhos.

O segredo dos corredores mensageiros ancestrais era correr fazendo o seu próprio caminho.

A livraria da minha infância ficava em Caranavi, de um povoado de língua quechua, aimara e outras também. Caranavi significa caminho da morte. Porque às vezes sair do lugar significava morrer.

Os cháskis inventaram esses caminhos, para poder conseguir conversar com todo o nosso continente.

Minha infância foi rodeada de histórias como essa dos chaskis, todas em segredo, todas nessa uma hora. Enquanto essa mulher que me proibia de ser criança dormia no seu velho mundo, eu sonhava. Ela era dona dos livros, hoje eu sou dona das histórias.

ALFINETE

Alfinete:

Oi, eu sou o alfinete.

Mas pode me chamar pelo meu apelido: PIN.

Eu tenho preferido que me chamem assim, de PIN .. prefiro assim porque acho mais carinhoso... PIN ... mais democrático... parece que cabe mais na boca. PIN.

Me senti no direito de vir aqui falar com vocês neste quase final porque eu fui citado lá no começo de tudo e, sim, eu realmente estive aqui, desde sempre, desde o momento em que alguém chega. Enquanto tudo corre eu fico. Eu fico, eu fico olhando, eu sou aquele fica. Por um lado é ruim porque o que me resta são só os pensamentos mesmo.

Vocês não, vocês têm os pensamentos e os gestos! Me dá inveja às vezes. Mas não precisam sentir pena de mim não porque esta minha posição estratégica de quem está parado vendo tudo correr também me dá tempo para algumas coisas como... fazer perguntas, por exemplo! Essa minha cabeça não para de pensar coisas como: Vocês correm do que, ein? De quem? Com quem? Dá pra ver quem corre ao lado? O que que se faz com quem corre ao contrário? Quando é que a gente vai parar de correr do passado?

E, alguns de vocês devem estar pensando.... quanto tempo falta pra poder sair correndo?

Daqui até México, até às montanhas da Sierra Madre Ocidental onde vivem os rarámuris corredores e também onde está neste momento o meu chará PIN mexicano, a América Latina é um chão comum de pés que, desde o início da colonização - e eu já estava aqui neste época, ein - , não deixaram de buscar solos possíveis, lugares de parada e passagem, renegando a estiagem. Até hoje os latinos-americanos são obrigados a correr conforme o ataque, corações calejados de tanta sabotagem. Vocês estão acompanhando por aí a sacanagem?

Os passos desses nossos personagens são contados por necessidade, sobrevivência física e simbólica, pois daqui - da brasilidade - impossível saber-se continente inteiro. É preciso correr para poder desfilar outro samba enredo.

Quem fica parado é PIN, você quer ser PIN?

Bom, pra um alfinete acho que falei demais. Alfinete não, PIN.

(sai)

PASSISTAS 4

(Os passistas sem sapatos chegam ao México mas não chegam na avenida e desfilam suas fantasias por lá. Aparece a placa “Você chegou ao México”, ao som de um samba-enredo)

Pés-Coração

Pesquisa e Idealização

Coletivo Labirinto

Criadores

Abel Xavier, Carol Vidotti,
Emilene Gutierrez, Wallyson Mota
e Luiz Fernando Marques Lubi

Direção

Luiz Fernando Marques Lubi

Dramaturgia

Abel Xavier

Atuação

Carol Vidotti, Emilene Gutierrez
e Wallyson Mota

Artista convidada

Allycia Machaca

Direção Musical e Trilha Original

Caetano Ribeiro

Músicos em cena

Caetano Ribeiro
(guitarra, violão e voz)
e Leandro Vieira
(percussão e eletrônicos)

Canto

Allycia Machaca

Concepção audiovisual

Luiz Fernando Marques Lubi
e Sol Faganello

Mapping, operação de vídeo e câmera

Sol Faganello

Edição vídeo Retiro

Tomás Franco

Atuantes

Alexandra Tavares, Camila Cohen,
Daniela Alves, João Pedro Ribeiro,
Lucas Bernardo, LuzMa Moreira,
Paula Petreca, Renan Coelho,
Sebastian Santamaria

Coreografia

Paula Petreca

Preparação de atores (Cena Passistas)

Rhena de Faria

Cenário

Luiz Fernando Marques Lubi

Cenotécnico

Zé Valdir

Figurino

Emilene Gutierrez
e Allycia Machaca

Visagismo

Fábia Mirassos

Adereços

Allycia Machaca

Fantasia Carnaval

Sérgio Cardoso Lopes

Desenho e operação de luz

Matheus Brant

Técnico e Operador de som

Tomé de Souza

Coordenação de Ensaio

Madu Arakaki

Fisioterapia

Leandro Faria

Pesquisa e Condução Retiro

Artístico Elias Cohen

Apoio Teórico

Gina Monge Aguilar

Mesas de Reflexão

Gina Monge Aguilar , Salloma
Salomão, Monica Rodriguez Ulo,
Paula Petreca, Paula Narvaez, Elias
Cohen, Antonia Moreira, Andrezza
Rodrigues e OWEÁ

Fotos

Tomás Franco

Assessoria de Imprensa

Pombo Correio

Redes Sociais

Jorge Ferreira
Hayla Cavalcanti

Estagiários Produção

Bento Carolina e Mariana Ruiz

Produção

Corpo Rastreado - Leo Devitto







Expediente

fevereiro
2026

A Revista Labirinto (2ª edição) é uma publicação do Coletivo Labirinto, associado à Cooperativa Paulista de Teatro.

Núcleo Artístico

Abel Xavier, Carol Vidotti,
Emilene Gutierrez e Wallyson Mota

Idealização e Criação

Coletivo Labirinto

Edição e Organização

Emilene Gutierrez e Wallysson Mota

Textos

Abel Xavier, Carol Vidotti, Emilene Gutierrez,
Wallyson Mota, Fernanda Stein, Marcela Lívier,
Allycia Machaca, Priscilla Mayer, Tarcísio Martins,
Flora Rossi, Giovanna Monteiro, Isa Borges, Lets,
Lucas Bernardo, Luê Vanoni, Márcio Vasconcelos,
Thaís Rossi e Yenny Agudello

Fotos

Tomás Franco e arquivos pessoais

Projeto Gráfico

Renan Marcondes

@coletivo.labirinto
www.coletivolabirinto.com.br
labirinto.contato@gmail.com

Esta edição da Revista Labirinto integra o projeto **Pés-Coração: A América Latina Como Caminho**, contemplado pela 43ª edição do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo.

Distribuição gratuita

Produção



Realização



COOPERATIVA
PAULISTA
DE TEATRO



PREFEITURA DE
SÃO PAULO

Projeto contemplado pela 43ª Lei de Fomento ao
Teatro para a cidade de São Paulo - Secretaria de
cultura e economia criativa



